

KELEN GLEYSSE MAIA ANDRADE DANTAS

**Nas Fronteiras da “Terra Prometida”: trajetórias de trabalhadores
rurais do alto Acre**

RIO BRANCO

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

KELEN GLEYSSE MAIA ANDRADE DANTAS

Nas Fronteiras da “Terra Prometida”: trajetórias de trabalhadores rurais do alto Acre

Dissertação Apresentada ao Curso de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Gerson Rodrigues de Albuquerque

RIO BRANCO

2009

KELEN GLEYSSE MAIA ANDRADE DANTAS

Nas Fronteiras da “Terra Prometida”: trajetórias de trabalhadores rurais
do alto Acre

LINGUAGEM E IDENTIDADE

Dissertação defendida e aprovada em

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque

Prof. Dr. Henrique Silvestre Soares

Prof. Dr. Valdir de Oliveira Calixto

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela vida e por ter colocado amigos em meu caminho durante minha trajetória até aqui.

Agradeço a meu orientador professor Gerson Rodrigues de Albuquerque pela dedicação, incentivo, paciência e inspiração nesse processo.

Agradeço a meu esposo Neyson pela ajuda incondicional nos momentos difíceis.

Agradeço a meu pai, minha mãe e irmãos pela força e incentivo sempre.

Agradeço em especial à Cris, minha irmã querida, pela constante disposição em ajudar-me.

Agradeço em especial a minha querida amiga Glória por prontamente se dispor a fazer as correções ortográficas.

Agradeço a meus professores que me ajudaram e dividiram seus conhecimentos.

Agradeço aos familiares e amigos pelo apoio e estímulo.

RESUMO

Este trabalho apresenta, a partir do estudo de trajetórias e histórias de vida, como se coloca a questão das identidades de seringueiros e outros segmentos de trabalhadores rurais em seu constante deslocamento entre as cidades da região do Alto Acre e a floresta boliviana. Dentre os conceitos discutidos, destaca-se o de Identidade, aqui entendido como algo em construção, móvel, líquido, dinâmico e subjetivo, que, como ponto de partida, realiza-se no “entre-lugares”, ou seja, a fronteira, compreendida como espaço de “nascimento do novo em uma nova condição”; o lugar onde o sujeito histórico está “se fazendo” no tempo presente. Sujeito esse caracterizado como um todo heterogêneo, flexível e ativo.

Palavras-chave: seringueiros, trabalhadores rurais, identidade, florestas brasileira e boliviana, deslocamento

ABSTRACT

This work presents, from the studies of life histories and trajectories, the way in which the question of how the identities of both rubber men and other levels of rural labors is established, considering their constant commutation within the cities from Alto Acre region and the Bolivian Forest. Among the concepts discussed in this work, two of them must be explicit: the Identity, here understood as under construction, movable, liquid, dynamic, and subjective, that from its very starting point, is performed in the “inter-places”, the borderline, comprehended as the space of “growing the new in a new condition”; the location where the historical man is “making himself” in present time. This man is characterized as a heterogeneous, flexible and active completion.

Keywords: rubber men, rural labors, identity, Brazilian and Bolivian forests, commutation,

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
CAPÍTULO I.....	17
DESLOCAMENTO NA FRONTEIRA: trabalhadores seringueiros, “brasivianos”, “biscateiros” e outras identidades em trânsito	
CAPÍTULO II.....	40
CONSIDERAÇÕES SOBRE NAÇÃO E PÁTRIA NA FRONTEIRA	
CAPÍTULO III.....	60
DE “BRASIVIANO” NA FRONTEIRA A “BISCATEIRO” NA CIDADE	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	80

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante o período em que fui bolsista PIBIC/CNPq do Projeto “Seringueiro Expropriado, Trabalhador Recriado: o caso dos ‘brasivianos’”, coordenado pela Professora Dra. Benedita Maria Gomes Esteves, entre os anos de 1999 a 2002, mantive contato com os relatos dos sujeitos dessa pesquisa. Era aluna do terceiro período do curso de História da UFAC. Foi uma experiência muito proveitosa, pois pude ver e conhecer seringueiros, seringal, colocações, varadouros e a própria árvore seringueira: objetos de um cenário que, apenas, por muito tempo, ouvira nas histórias de meu pai sobre os antigos seringais.

Foram várias viagens de campo¹ que possibilitaram um aprendizado diferente do apreendido em sala de aula. Entre elas, fiz uma bastante especial para o antigo Seringal Adélia, no território boliviano. Essa viagem marcou minha trajetória acadêmica, por possibilitar um diálogo mais próximo com os seringueiros.

Ao voltar para Rio Branco, as aulas de História do Acre eram bem mais interessantes, depois desse contato inicial com a floresta. As histórias que meu pai e meu avô contavam começaram a fazer parte do meu mundo acadêmico, não da mesma forma que fazia parte de seus mundos.

Depois desse primeiro ano de bolsa PIBIC, o projeto foi renovado, com novo título e objetivo, intitulado “Trajetórias Partidas: um estudo de caso sobre os ‘brasivianos’ e os ‘biscateiros’”, sob a mesma coordenação. Passei mais um ano nesse projeto e fiz outras viagens para localidades como Plácido de Castro, Brasiléia, Cobija, Capixaba, Epitaciolândia, além de entrevistar vários trabalhadores seringueiros que haviam se deslocado da Bolívia para os bairros de Rio Branco e o Projeto de Assentamento Alcoobrás².

¹ Faziam parte da equipe do projeto a professora doutora Benedita Esteves e os alunos Alcimar Leitão, Rosana de Castela Pinheiro e Kelen Gleysse Maia Andrade. Fizemos a primeira viagem em 1999, fomos para a cidade de Plácido de Castro, onde visitamos alguns seringueiros que residiam na cidade, mas que vivia anteriormente na Bolívia. A segunda viagem aconteceu no ano de 2000, em que colhemos depoimentos de seringueiros nos municípios de Capixaba, Xapuri, Brasiléia e na Bolívia.

² Fonte: <http://www.ac.gov.br/> O Projeto de Assentamento Alcoobrás, portaria 58/24-11-98, fica localizado na BR- 317 Km 18, no município acriano de Capixaba, tem 11.331 ha e 374 famílias cadastradas.

Ouvi, juntamente com a equipe da qual fazia parte, as histórias de vida dos sujeitos entrevistados e a partir daí verifiquei que as trajetórias de vida eram muito diversas. Minha orientadora, Benedita Esteves, após várias reuniões que originavam a discussão do teor dos relatórios, dividiu as temáticas que precisavam ser desenvolvidas. A temática que escolhi foi a de Identidade, por ter uma profunda curiosidade de conhecer melhor aqueles sujeitos e as trajetórias deles. Comecei por discutir o termo “brasiviano”, mas não foi possível que continuasse a pesquisa, devido ao término do projeto.

Após esse período, em 2001, surgiu a oportunidade de me deslocar para ministrar aulas no interior do Estado, pelo Programa Especial de Formação de Professores Para a Educação Básica. Assim, pude conhecer melhor alguns municípios como Plácido de Castro e Brasiléia, cidades que antes havia visitado rapidamente. Conversei com outros trabalhadores seringueiros, procurando saber mais sobre a situação dos brasileiros que viviam na Bolívia.

Entretanto, devido ao pouco tempo em que passei em cada município e, também, pelo fato de não estar mais trabalhando com projetos de pesquisa, não gravei nenhuma entrevista para análise posterior, mantive apenas conversas informais e o que conversei com eles ficou apenas na minha memória.

Depois fui professora substituta do Departamento de História, nos anos de 2002 a 2004. Acabando o meu contrato, passei a exercer a função de professora na rede municipal de educação. E, no ano de 2006, um desejo antigo pôde ser realizado, quando passei na seleção de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Acre.

A partir daí, retomei a temática que já havia começado a discutir durante os projetos do PIBIC. Para minha alegria e decepção, percebi que o olhar que lançava sobre os sujeitos da pesquisa ainda era mais equivocado que hoje. Disciplinas como Linguagem, Sociedade e Diversidade Amazônica e Discurso, Sujeitos e Identidades ministradas no curso de mestrado foram fundamentais para ampliar minha visão de mundo.

As discussões levantadas fizeram-me ver a necessidade de desmontar os conceitos que trazia comigo desde minha formação acadêmica. Digo em especial da necessidade de rever minha visão acadêmica de mundo, desenvolvida na época em que fui discente do curso de História e muito ligada ao determinismo econômico que produziu, por algum tempo, verdades absolutas, imutáveis e sólidas. Desenvolver o

conhecimento, a partir da insegurança, sem modelos prontos e acabados constituiu-se como a proposta principal nesse mestrado.

A princípio, meu objetivo de trabalhar com os seringueiros a partir de seus depoimentos, fizeram-me precisar compreender quais os significados do termo “seringueiro”. Assim busquei em pesquisadores acreanos definições que pudessem me fazer compreender se os sujeitos dessa pesquisa ainda poderiam ser chamados de seringueiros num tempo diferente da construção da terminologia.

Segundo Airton Chaves da Rocha na Tese de Doutorado intitulada “A Reinvenção e Representação do Seringueiro na Cidade de Rio Branco”, o termo seringueiro era usado “também implicitamente designando aqueles que foram posseiros, agricultores castanheiros e outros sujeitos sociais da floresta. Isso porque na dinâmica social dos que vivem na floresta, torna-se difícil separar os que produzem a borracha dos que vivem da agricultura, dos que praticam a coleta da castanha, dos que pescam e realizam outras atividades. Na luta pela sobrevivência na floresta, “uma única pessoa realiza todas essas atividades, de acordo com o tempo geográfico”.

Conforme José Sávio da Costa Maia em “Seringueiros brasileiros e suas travessias para a Bolívia: a formação de novos modos de vida num espaço de litígios (1970-1995)”, “seringueiro” é uma denominação genérica usada desde o início do século XX, para caracterizar seringalistas, ou seja, os patrões e os trabalhadores que viviam da extração do látex. Essa denominação era comum até mesmo para os trabalhadores que, embora não atuassem diretamente no corte da seringa, interagiam com esses trabalhadores, tais como: caçadores, castanheiros, mateiros, etc.³ Atualmente o termo seringueiro continua sendo utilizado com o mesmo significado e engloba diversos trabalhadores que moram nos seringais.

No processo da leitura do referencial metodológico e de autores ligados ao tema desse trabalho percebi que não seria fácil escrever sobre homens e mulheres seringueiros. Primeiro pelo fato de que estava entrando num mundo que não conhecia – e ainda não conheço – e, segundo porque isso significa dialogar com sujeitos de múltiplas identidades, com pensamentos diferentes sobre vida, morte, religião, trabalho e família, entre outros.

³ Ver também ESTEVES em “Do Manso ao Guardião da Floresta”: estudo do processo de transformação social do sistema seringal, a partir do caso da Reserva Chico Mendes. Rio de Janeiro. CPDA/UFRRJ, tese de doutorado, 1999.

O tema da Identidade é complexo e quanto mais leitura fazia, mais tinha certeza da necessidade de desconstruir velhos conceitos, como propõe Stuart Hall⁴, que a identidade enquanto discurso que afirma um sujeito sólido, uno, fechado, não contempla e nunca contemplou a discussão sobre quem é o ser humano. Identidade entendida como um conceito fechado, definido e definitivo só serve para fortalecer as diferenças entre pobres e ricos, brancos e negros, “tradicionais” e “modernos”.

Dessa forma, o objetivo aqui proposto é compreender, a partir do estudo de trajetórias, como se coloca a questão das identidades desses sujeitos denominados de “brasivianos”, em seus deslocamentos para as cidades, e a incorporação do termo “biscateiro”, advinda desse processo.

Como e onde surgiu um discurso que afirma serem esses sujeitos “brasivianos”? Até que ponto essa terminologia identifica e representa a realidade de vida desses trabalhadores? Por que o termo “biscateiro”? Eles incorporam durante a vida na cidade essa terminologia?

Partir dessas problemáticas significa muito mais que contar a história da vida de algumas pessoas que saíram dos seringais em busca de melhores condições de vida, ou que foram expropriadas por outras razões. No âmbito dessas reflexões, lanço mão dos estudos de Stuart Hall, Zigmunt Bauman e Jorge Larrosa, enquanto referenciais críticos da noção de tempo “moderno”. Aqui modernidade é entendida como um discurso que exclui de forma violenta os “arcaicos” – aqueles que não estão inseridos favoravelmente na lógica do mercado e da globalização capitalista.

Estudar o movimento histórico que produziu a identidade dos “brasivianos” e sua transformação em “biscateiros” é tentar enxergar, a partir de sua vivência na cidade, o inesperado e não o que hipoteticamente já se esperava encontrar. A tentativa é ver com os olhos que transcendem o que é apresentado à primeira vista por meio de uma metodologia que valoriza os detalhes; é mergulhar num mundo de particularidades que fazem de cada experiência um todo singular.

É possível, a partir desse olhar, trazer à tona diversas formas de resistência que esses trabalhadores desenvolveram e que podem ser apresentadas pela luta da sobrevivência e pela condição humana. Não obstante, é, também, entender e dialogar com o outro, que é o sujeito dessa pesquisa.

⁴ Hall, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Tradução Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

Escrevendo assim pode parecer simples, mas descobri que é muito mais fácil entendê-los na minha subjetividade do que na materialidade de suas vidas. Olhar para o outro como igual nunca foi tarefa fácil. Sempre o outro foi sinônimo de diferente e não de diverso. Dialogar com esses sujeitos na prática é muito mais fácil do que interagir com eles, ouvi-los, relacionar-se sem vê-los como coitados, inferiores em conhecimento. É um exercício que devemos reproduzir, já que Jorge Larrosa, Édouard Glissant, Edward Said, Stuart Hall e outros trouxeram a problemática à tona.

Entrar no mundo do outro sem defesas é descobrir que podemos entrar no nosso mundo, pois estaremos nos vendo. Pode-se ir a um lugar em que nunca estive; no entanto, é possível encontrar pessoas que choram, alegram-se e fazem as mais diversas atividades e possuem variadas identidades possíveis e imaginadas.

Seguindo esse pensamento, ao dialogar com os seringueiros, vi a necessidade constante de desmontar a teoria que me inspira e remontá-la sem perder a essência, que para me relacionar e interagir é necessário muito mais que uma entrevista formal, um conversa de pouco tempo, uma visita aleatória.

Os seringueiros, homens e mulheres, são o meu objeto de pesquisa e início com o pressuposto teórico que diz vivermos numa época em que há “uma perda de si”, ou seja, “um abalo da idéia que temos de nós próprios como sujeitos” (HALL, 2000). Assim acredito que se vive atualmente o que Stuart Hall chama de “deslocamento ou descentração do sujeito”, ou ainda mais especificamente, uma “crise de identidade”. Essa crise é que vai proporcionar a necessidade de se questionar a pretensa fixação do conceito. O contexto dessa problemática é o mundo em movimento contínuo e em transformação rápida e constante, típicos da crise da modernidade (BAUMAN, 2005).

Partindo dessa perspectiva, penso que “... o deslocamento tem características positivas, que desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre possibilidade de novas articulações” (LACLAU, 1990) que estimula a pensar no que se pode descobrir na interação com o outro. Que é possível ver o inesperado surgindo a partir desses sujeitos num outro espaço, como a cidade.

A fronteira que separa as experiências de vida (WILLIAMS,1989)⁵ dos diversos sujeitos que estão entre a floresta e a cidade é ilusória, mas que seduz pelo fato de se acreditar que entre nós e os outros existe uma grande diferença que nos distancia. Esse distanciamento leva consigo a certeza da superioridade dos juízos de valor.

Em entrevista a Benedetto Vecchi, no ano de 2005, no livro intitulado *Identidade*, o sociólogo Zigmunt Baumam aborda o conceito de identidade como produto de um discurso modernizador e que tem como objetivo fortalecer os vínculos dos sujeitos com o Estado-Nação de origem. Mostrando assim que a temática sobre identidade só é importante à medida que gera debate para a desconstrução das diferenças e dos discursos que trabalham para mantê-las.

Sobre o conceito de sujeito, compartilho da proposta de Stuart Hall⁶ que problematiza o processo de descentralização e fragmentação, a partir do constante deslocamento vivido por eles. O sujeito pós-moderno é caracterizado pela inconstância identitária causada por uma perda de si mesmo, ou seja, apresenta-se com diversas formas que são incorporadas no decorrer de sua vida de andanças. Nesse sentido, observa-se que identidade é um conceito que não pode ser tratado como sinônimo de projeção e identificação do sujeito por um único viés; um indivíduo composto por apenas uma identidade sólida e imutável. Identidade é uma idéia, um discurso materializado pela linguagem falada e escrita e que precisa ser desmontada a partir da própria experiência e realidades concretas do sujeito a partir das representações que faz de si mesmo.

Tomei emprestada a noção de seringueiro a partir da abordagem feita pelo professor Ayrton Chaves da Rocha em sua tese de doutorado⁷. Dessa forma, pude apreender que seringueiro é um termo que está relacionado a várias funções no seringal e refere-se a uma representação de um modo de vida ligado ao trabalho, ao cotidiano do sujeito e à sua forma de pensar, falar, vestir e se relacionar e, ao se deslocar da floresta para a cidade.

⁵ Raymond Williams em seu livro *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura* aborda sobre a fronteira ilusória entre o campo e a cidade na Inglaterra.

⁶ Op. Cit, 2000.

⁷ Tese de doutorado *A Reinvenção e Representação do Seringueiro na Cidade de Rio Branco – Acre (1971-1996)*.

Para a reflexão sobre o discurso de modernidade e suas conseqüências, dialoguei com Zigmunt Bauman, especialmente sobre a necessidade de olhar para a problemática proposta a partir do local onde o pesquisador está.

Outro conceito necessário para a análise da temática proposta é o de fronteira. A fronteira enquanto espaço de incorporação de novas identidades, de deslocamento do sujeito, não pode ser limitada à idéia que temos de linha divisória entre territórios geográficos, mas o “lugar nenhum nem outro” proposto por BAUMAN (2005), que se refere a uma localização social instável num território indefinido.

A leitura de outros autores também foi fundamental para contextualizar histórica e politicamente este trabalho. Por isso mantenho diálogo com o sociólogo Elder Andrade de Paula⁸, por trazer a discussão sobre o projeto de desenvolvimento do Governo Estadual e os reflexos das políticas públicas na vida dos trabalhadores seringueiros da floresta e da cidade. Outro trabalho importante para discussão é a dissertação de mestrado do professor José Sávio da Costa Maia, que aborda a situação dos seringueiros brasileiros na fronteira entre Acre e Pando. Apesar de uma abordagem diferente da proposta por mim, seu trabalho é importante, por ser um estudo sobre a formação de novos modos de vida dos seringueiros, na área de fronteira com a Bolívia entre as décadas de 1970 e 1995 - fornecendo informações importantes sobre o cotidiano e as estratégias de sobrevivência forjadas pelos trabalhadores da seringa em suas idas e vindas, entre o Brasil e a Bolívia.

O processo de coleta de depoimentos também foi fundamental, a partir das entrevistas que foram realizadas com os trabalhadores da fronteira trinacional Brasil, Bolívia, Peru, procurei compreender as experiências vividas por trabalhadores seringueiros, coletores de castanha, caçadores em suas idas e vindas entre a floresta e as cidades de Xapuri, Brasiléia, Epitaciolândia, Capixaba, Plácido de Castro e Rio Branco. Também foi feita a coleta de fontes escritas e audiovisuais, com pesquisas em jornais locais e nacionais, no sentido de verificar onde e quando o termo “brasiviano” foi produzido.

Assim iniciei o primeiro capítulo abordando como e onde surgiu o uso da terminologia que se apresentava como representação da identidade desses sujeitos e em que discurso ela é incorporada. A idéia é mostrar como esses sujeitos se apresentam, se é feito um reconhecimento de identidade a partir da categorização

⁸ PAULA, Elder Andrade de. Desenvolvimento Insustentável na Amazônia Ocidental. Ed. EDUFAC, 2005.

de “brasiviano”. Para isso analisei os depoimentos de seringueiros que vivem na Bolívia e buscam terra no Brasil, por meio das entrevistas cedidas pelo Centro de Documentação e Informação Histórica, assim como também falas de seringueiros que moram na região de Riberalta e que podem ser visualizados no Documentário⁹ Audiovisual intitulado La Rota Del Pacífico: culturas de fronteira.

Essa fonte foi de primordial importância por trazer a imagem de homens e mulheres brasileiros que estão na Bolívia sob a ameaça de expulsão. Com esses depoimentos foi possível dialogar com Eric Hobsbawm¹⁰, no segundo capítulo, sobre a idéia de nação e pátria que é representada em suas falas. Além disso, fiz uma breve narrativa dos últimos acontecimentos ocorridos na área de fronteira e do discurso dos dois governos envolvidos nos conflitos entre brasileiros e bolivianos.

Utilizei também nesse capítulo relatórios de pesquisa. O primeiro foi realizado entre os meses de dezembro de 1990 e janeiro de 1991 pelo Vicariato de Pando, em conjunto com a Diocese de Rio Branco e o CEPAMU de Ji-Paraná; o segundo foi o Relatório da Comissão Especial da ALEAC, instituída pela Resolução nº. 252/92, de 29 de outubro de 1992, em que o relator foi o Deputado Estadual Sérgio Tabuada (PC do B); e a Medida Provisória n.º 354, de 22 de janeiro de 2007, publicada no Diário Oficial da União de 23 de janeiro de 2007.

Além da coleta de dados, fiz duas viagens, em 2007, às cidades de Brasília e Epitaciolândia, para manter contato com alguns seringueiros que haviam saído dos seringais bolivianos em busca de moradia e trabalho. Com estes mantive algumas conversas informais que me possibilitaram saber como estava a situação deles naquele momento.

No terceiro capítulo abordo um pouco dos problemas enfrentados pelos seringueiros que saíram da Bolívia para a cidade de Rio Branco na década de 1970. Dialogo com Ayrton Rocha, que faz alusão ao tema da ocupação de terras pelos seringueiros na cidade de Rio Branco, nesse período, trazendo um pouco das experiências vividas por esses sujeitos, suas lutas e dificuldades enfrentadas no viver da cidade. Ainda nesse capítulo estudo a utilização do termo “biscateiro” como forma de identificação dos seringueiros que vivem de “bico” na cidade, transitando entre várias funções e saberes. Uma das fontes principais é um documentário

⁹ La rota del pacífico: culturas de fronteira, dirigido e produzido por Emilson Ferreira.

¹⁰ A obra usada para fazer essa discussão é Nação e Nacionalismos desde 1780. Nessa obra o autor faz um estudo sobre a origem da nação e a idéia de pátria a partir da formação dos estados nacionais.

audiovisual intitulado a “Verdade em Deus”,¹¹ que foi escolhido por possibilitar uma análise a partir não somente da fala do sujeito, mas dos gestos, dos silêncios que podem ser visualizados. Meu objetivo aqui é visualizar, a partir das falas e do olhar que lanço sobre o depoimento visual, como esse sujeito faz a representação de si mesmo em seu constante deslocamento durante sua trajetória de vida. Assim, ao invés de engessá-lo numa identidade, tento fazer com que seja possível compreendê-lo em sua pluralidade, contextualizando-o entre a floresta e a cidade.

¹¹ “A Verdade em Deus” é um documentário financiado pela Universidade Federal do Acre e CNPq em parceria com a Fundação Elias Mansour e dirigido pela professora Dra. Benedita Maria Gomes Esteves do Departamento de História da Universidade Federal do Acre.

CAPÍTULO I

DESLOCAMENTO NA FRONTEIRA: trabalhadores seringueiros, “brasivianos”, “biscateiros” e outras identidades em trânsito

O tema abordado nesse capítulo está inserido numa temática mais ampla, trata-se do processo de ocupação e reocupação da Região Amazônica, em particular da Amazônia Sul-Occidental, onde estão localizados, dentre outros locais, o Estado do Acre e Cobija, capital do Departamento de Pando - Bolívia. Locais esses privilegiados nesse trabalho por evidenciarem, há mais de um século, um processo de constante deslocamento de trabalhadores vindos de diversas partes do Brasil em busca de terra para trabalhar e reproduzirem-se.

Vários segmentos de trabalhadores vivem hoje nessas regiões, mas interessa particularmente as trajetórias de vida dos seringueiros que viveram ou vivem na Bolívia e nas imediações das cidades de Rio Branco, Brasiléia, Epitaciolândia, Capixaba, na parte brasileira, e na cidade de Cobija, na fronteira boliviana com o Estado do Acre. Esses trabalhadores passaram a vivenciar dinâmicos e, muitas vezes, violentos processos de fragmentação e incorporação de novas identidades.

Apesar de saber que a busca pela terra, assim como o processo de fragmentação das identidades dessas gentes não começou na década de 1970, parti desse momento histórico por ser referência de uma época em que a expropriação dos seringueiros, dos antigos seringais, foi marcada por conflitos que desencadearam outros deslocamentos em grande escala para as cidades do Acre. Além da grande quantidade que se deslocou para a cidade, grande número de seringueiros procurou outras estratégias de sobrevivência, em especial nos seringais localizados na Bolívia. A respeito desse momento, Maia (2002) menciona que:

No Estado do Acre, essa situação de conflito vai se arrastar até meados da década de setenta, quando o governador do Estado, Francisco Wanderley Dantas (1970-1975), baseado nas idéias dos grandes projetos do regime militar para a Amazônia, como a redefinição da política econômica para a Amazônia, através da política de valorização, montada no tripé “Segurança, Integração e Desenvolvimento” e no lema “Integrar para não Entregar”, introduz as grandes obras e projetos, tais como: A Construção da Transamazônica, os Projetos de Assentamento Dirigidos (PADs), A Zona Franca de Manaus, a “Operação Amazônia”, dentre outros,

e implementa como plano principal de sua administração a venda de terras no Acre para incentivar a agropecuária.¹²

A década de 1970 foi marcada por um processo de implantação de um modelo de “modernização” que prometia desenvolvimento e crescimento econômico. Em particular, as medidas políticas do Estado brasileiro para a implantação da pecuária na região foram de fundamental importância para os conflitos vivenciados entre seringueiros e fazendeiros. Contudo, existiram outros fatos motivadores tanto de ordem pessoal quanto de ordem econômica que provocaram os deslocamentos.

Nessa época o processo de deslocamento constante tornou-se mais intenso. Os seringueiros das regiões que fazem fronteira com a Bolívia – os que ficaram e lutaram pela permanência nos seringais de Brasiléia e Xapuri, os que se dirigiram para as cidades do Acre ou os que se deslocaram para os seringais na Bolívia - vivenciaram diferentes modificações em seus modos de vida. Nessa dinâmica passaram a vivenciar mudanças substanciais que provocaram um caminho processual de “descentramento do sujeito” ou uma crise de identidade, que corresponde, segundo Stuar Hall

(...) a um duplo deslocamento, provocado pela descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos. Articulando isso às suas formas de compreensão, percepção e posicionamento no mundo, num conflituoso processo em que foram levados a reordenar seus pressupostos mentais, a produção e reprodução de suas linguagens e, inevitavelmente, de novas identidades¹³.

Compreender esse processo é imprescindível para entender e dialogar com esses sujeitos.

Partindo da busca pela compreensão de como essas gentes vêm esse processo, foi dada significativa importância à pesquisa em fontes documentais, como jornais locais e nacionais, impressos e via on-line, relatórios de instituições ligadas à Igreja Católica e do Legislativo acreano, depoimentos orais de seringueiros que vivem na fronteira entre as cidades de Capixaba, Brasiléia, Epitaciolândia,

¹² MAIA, José Sávio da Costa. Seringueiros brasileiros e suas travessias para a Bolívia: a formação de novos modos de vida num espaço de litígios (1970-1995). Recife: UFPE, 2002. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

¹³ HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade; tradução: Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

Xapuri e Plácido de Castro¹⁴. Também foram coletadas entrevistas de trabalhadores seringueiros que viviam na cidade de Rio Branco e que cederam seus depoimentos, entre os anos de 1999 a 2002. No total, foram coletadas nas cidades mencionadas cerca de 20 (vinte) entrevistas que compõem o conjunto do corpus dessa pesquisa, e atualmente podem ser encontrados no acervo do CDIH. Além das fontes orais já mencionadas, dois documentários¹⁵ audiovisuais com depoimentos orais de seringueiros e seringueiras que viveram e vivem nas regiões de fronteira com o Estado do Acre, foram importantes para essa análise por trazerem suas falas, e, sobretudo, as imagens do local onde vivem, como se vestem, seus gestos, olhares e silêncios. Além disso, se pode ter informações acerca de sua relação com a natureza e ouvir sobre sua situação em terras bolivianas da cidade de Riberalta.

No decorrer da década de 1970, quando houve a transformação dos seringais do Acre em pasto para a criação de gado, os seringueiros passaram a sofrer um novo processo de segregação. Houve em toda a região acreana o que ESTEVES (2006)¹⁶ chamou de “desagregação da comunidade de trabalho”. Significa dizer que trabalhadores, seringueiros e seringueiras, foram expropriados da terra, do seringal, e com isso a forma de vida foi modificada, foram forçadas novas maneiras de viver a partir da necessidade de sobrevivência. Além do que já sabiam fazer, passaram a procurar na cidade, em fazendas, nas colônias, apreender novas funções ligadas ao trabalho braçal. Adquirindo outras técnicas poderiam trabalhar com outros serviços temporários que por ventura aparecessem. O local de moradia continuaria no seringal, mas o local de trabalho se estendia da floresta à cidade.

Evidentemente não seria possível dar conta da complexidade de todos os conflitos vivenciados pelos seringueiros acreanos e nem mesmo das graves conseqüências sofridas, mas privilegiei nesse momento, sobretudo, citar o caso dos trabalhadores das regiões de Xapuri e na região da fronteira entre Brasiléia/Epitaciolândia e Cobija (Bolívia). Esses espaços foram marcados por fortes

¹⁴ Esses depoimentos foram coletados durante os anos de 1999 a 2001 quanto então fazia parte do PIBIC/CNPq, coordenado pela professora Dra. Benedita Maria Gomes Esteves. Durante a pesquisa em campo tive contato com esses trabalhadores fazendo entrevistas e tendo conversas informais sobre suas histórias de vida.

¹⁵ Os dois documentários utilizados como fontes foram respectivamente: **La rota del pacífico: culturas de fronteira, dirigido e produzido por Emilson Ferreira** e o documentário “A Verdade em Deus”, produzido pela Universidade Federal do Acre e CNPq em parceria com a Fundação Elias Mansour e dirigido pela professora Dra. Benedita Maria Gomes Esteves do Departamento de História da Universidade Federal do Acre.

¹⁶ ESTEVES, Bendita Maria Gomes. “Seringueiros nos Subterrâneos da Fronteira Brasil/Bolívia”. Tese de pós-doutoramento.

embates entre seringueiros e fazendeiros pela posse da terra, que ficaram nacionalmente conhecidos pela divulgação em jornais das mortes de Wilson Pinheiro e Chico Mendes, duas das mais destacadas lideranças de trabalhadores rurais do Alto Acre na década de 1980.

Foi nesse contexto de significativos conflitos e transformações que grande parte dos seringueiros que viviam nos seringais de Brasiléia, Xapuri, Epitaciolândia, Plácido de Castro e outras, passaram a deslocar-se em busca de terra e fundamentalmente de trabalho. Uma parte desses seringueiros buscou nos seringais bolivianos o espaço de manutenção de seus modos de vida, e muitos passaram a morar em território boliviano cortando seringa e coletando castanha, fazendo roçados, criando animais e fazendo inúmeras outras atividades ligadas ao viver da floresta.

Acreditando que se acentuou na década de 1970 um processo de fragmentação do “sujeito seringueiro” e da “perda” de uma identidade formulada a partir de seu modo de vida, propus-me a estudar a vida desses homens e mulheres que se deslocaram para a floresta boliviana entre a década de 1970 e 2002, partindo de algumas reflexões sobre trajetórias de seringueiros e outros segmentos de trabalhadores rurais e urbanos que vivem na fronteira do Acre/Bolívia. Seus quotidianos tornaram-se indispensáveis para a compreensão de um conceito de identidade utilizado pela mídia nacional, jornais, políticos, alguns pesquisadores, assim como a Igreja Católica do Acre e de Pando para denominar esses sujeitos de “brasivianos”.

A curiosidade de saber se os “brasivianos” existiam enquanto grupo que se autodenominava como tal surgiu nos anos em que fui bolsista PIBIC, período no qual tive contato com alguns textos de Alfredo Wagner¹⁷, um antropólogo que estuda as tensões sociais no Brasil e o deslocamento de trabalhadores para a área de fronteira de países como Paraguai, Argentina e Venezuela, dentre os quais ele destaca os brasiguaios, brajolas e brasuelanos¹⁸ – todos brasileiros que vivem na área de fronteira com o Brasil. Essas terminologias são utilizadas para definir a junção de duas nacionalidades, usando a parte inicial de um nome e a final de outro, e assim compondo a identidade do sujeito.

¹⁷ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. *Continentalização dos conflitos e transformações na geopolítica das fronteiras*. Reforma Agrária, Campinas: ABRA, v.23, 1993

¹⁸ A exportação as tensões sociais na Amazônia: brasivianos, brasuelanos e brajolas. *Identidades construídas no conflito*. In: Revista Travessia. Janeiro-Abril, 1995.

Da mesma forma, foi formulado o termo “brasivianos” para identificar os brasileiros da área de fronteira entre Brasil e Bolívia. Em decorrência da ida e permanência dessas gentes nessa área de fronteira, e não somente isso, mas pela dinâmica de deslocamentos ocorridos, criou-se uma terminologia para identificá-los e ao mesmo tempo diferenciá-los de outros grupos de trabalhadores.

Ao analisar a composição do termo “brasiviano”, é possível perceber que vem carregado de significados de dupla nacionalidade. A partir daí algumas questões surgiram inevitavelmente. Afinal, essa denominação foi construída historicamente por seringueiros brasileiros na busca de reconhecimento enquanto pertencente a um grupo distinto? Ou esse grupo se auto-reconhece por essa classificação? Ou ainda, teria sido um termo inventado para diferenciá-los ou construído historicamente na luta por trabalho e reconhecimento?

O motivo de tais perguntas surgiu da comparação entre os termos “brasivianos” e “brasiguaios”. Esse último refere-se a cerca de 500.000¹⁹ brasileiros que se deslocaram para o Paraguai para trabalhar como pequenos agricultores agrícolas, cultivando especificamente a soja. É um grupo que se constituiu historicamente na luta pela sobrevivência na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Segundo Alfredo Wagner,²⁰ esses brasileiros autodenominam-se como brasiguaios, construindo essa identificação na luta pela terra num território específico, a área da fronteira política entre os dois países. O termo “brasiguai” é constituído pelo grupo assim denominado e não de forma externa a eles, ou seja, eles se fazem conhecer por essa nomenclatura.

No caso específico dos brasileiros da área de fronteira entre o Acre e Pando, a utilização da denominação “brasivianos”, não aparece como uma identificação construída historicamente no conflito pela posse da terra. Na análise dos depoimentos foi possível constatar que a palavra “brasiviano” é desconhecida para cerca de 20 (vinte) seringueiros entrevistados²¹, com o uso do gravador, entre os anos 2000-2006. Dessas entrevistas, foram analisados depoimentos de mulheres e homens que vivem entre a Bolívia e seis diferentes municípios acreanos: Rio Branco, Capixaba, Brasiléia, Epitaciolândia e Plácido de Castro, além de diversas conversas informais mantidas com famílias de seringueiros durante viagem de

¹⁹ Idem, 1993

²⁰ Op. Cit. 1993

²¹ Não constam aqui os números dos seringueiros entrevistados de forma informal, em conversas e visitas nas casas.

campo realizada no ano de 2007. Em nenhum momento esses sujeitos sociais identificaram-se ou reconheceram-se como “brasivianos”.

Conforme a professora Benedita Esteves (2005), “foi numa reunião na sede do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Brasília (STR) que ocorreu entre os dias 12 e 14 de outubro de 2002 que, pela primeira vez em quatro anos de pesquisa, ela teria presenciado os ‘convidados’ (os trabalhadores não assentados que teriam sido expulsos de seringais bolivianos e estariam acampados no STR de Brasília) serem chamados por outros trabalhadores seringueiros de ‘brasivianos’ ou ‘brasilianos’”.²²

Subtende-se que a utilização de “brasivianos” para denominar os trabalhadores expulsos da Bolívia foi feita “de fora para dentro”, ou seja, não foi uma identificação construída dentro dos conflitos vivenciados por esses sujeitos, mas um termo usado para diferenciá-los dos outros trabalhadores seringueiros que estavam, na ocasião, representando os assentados, os que têm um pedaço de terra na RESEX, ou ainda os que moram no Brasil.

De modo geral o termo utilizado pelos sujeitos dessa pesquisa para se identificar é “seringueiro”. Acredito que o fato de se autodenominarem seringueiros, em todas as entrevistas, deve-se à sua prática cotidiana de trabalho, o modo de vida deles os faz seringueiros. Estar na Bolívia ou no Brasil, na floresta ou na cidade, não teria mudado o fato de se ter tornado seringueiro na trajetória de sua vida.

Assim, sua identificação estaria ligada à sua profissão, ao seu trabalho, que não se limitava apenas às horas de corte da seringueira, mas a um modo de ver a natureza, os animais, as plantas, a família, a exploração do homem, a forma de falar, vestir-se, portar-se.

Tendo em vista que a nomenclatura “brasiviano” teria sido associada a um conceito de “identidade nacional” que estava posto à prova, busquei dialogar com autores que questionam a identificação de um sujeito imutável num mundo em constante transformação. Logo, percebi pelas leituras que pensar em identidade não apenas como um conceito, mas como um movimento histórico com vários significados propicia refletir sobre o processo de identificação desses sujeitos por eles mesmos.

²² REVISTA NERA – ANO 8, N. 7 – JULHO/DEZEMBRO DE 2005 – ISSN 1806-6755

Compreendendo que *identidade* é um conceito limitado, uma idéia formulada e não “naturalmente gestada e incubada na experiência humana, não emergindo dessa experiência como um ‘fato da vida’ auto-evidente” (BAUMAN, 2005), e ainda, entendendo que o conceito de *sujeito moderno*²³ está ligado a um processo que o tornou fragmentado, não possuindo apenas uma identidade, mas várias e ao mesmo tempo, percebi que o termo “brasiviano” precisava ser analisado e, se necessário, desconstruído, pois limita esses trabalhadores seringueiros da fronteira boliviana a sujeitos com apenas duas identidades ligadas à nacionalidade, estereotipados, reduzidos a um simples rótulo. Concordo com Zigmunt Bauman quando enfatiza que a questão da identidade “está ligada ao colapso do Estado”:

A questão da identidade também está ligada ao colapso do Estado de bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança, com a ‘corrosão do caráter’ que a insegurança e a flexibilidade no local de trabalho têm provocado na sociedade. (BAUMAN, 2005)²⁴.

Com a apreensão de que qualquer tentativa de definição desses sujeitos com um rótulo, uma “coisa” fixa, imutável, ou ainda, compreendendo que “qualquer tentativa de ‘solidificar’²⁵ o que se tornou líquido, inconstante, mutável, por meio de uma política de identidade, levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída”, passei a dialogar com os depoimentos de trabalhadores rurais – a maioria seringueiros – dessas partes da fronteira Brasil-Bolívia. Nessa direção buscava compreender como eles se identificavam e se identificam enquanto sujeitos da própria história individual e coletiva.

A partir da leitura de um relatório produzido em 1991 pelo Vicariato de Pando/Bolívia em parceria com a Diocese de Rio Branco/Brasil e assessorado pelo Centro de Estudos e de Pastoral do Migrante – CEPAMI de Ji-Paraná Rondônia/Brasil, ficou evidente a utilização escrita dessa terminologia pela primeira

²³ “Moderno” no sentido de fazer parte de um período de tempo chamado de modernidade, onde os territórios estão demarcados por fronteiras políticas e ao mesmo tempo estão interligados pela globalização capitalista que atinge a todo o planeta.

²⁴ BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*; tradução de Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

²⁵ O termo solidificar tem o sentido de permanente, imutável. Foi inventado por Zigmunt Bauman e retirado do seu livro *Identidade*, já citado anteriormente.

vez. Nesse documento consta um levantamento da quantidade de brasileiros que viviam como “escravos”²⁶ na Bolívia.

Não se pode perder de vista que essa fonte foi elaborada a partir do olhar da Igreja Católica Apostólica Romana e mais especificamente pela Pastoral da Terra, com o objeto de divulgar e denunciar a situação das “ovelhas perdidas”, demonstrando não apenas preocupações com suas condições, mas também evidenciando que as relações sociais continuavam a ser conflituosas na fronteira, e ainda existem lutas pelo controle do poder territorial naquela região.

O relatório representa uma pesquisa que visa possibilitar uma idéia da quantidade de brasileiros que viviam na Bolívia na década de 1990 e sua realidade econômica e social. Usaram-se as terminologias “brasilianos” e “brasivianos” para identificar esses brasileiros seringueiros e outros mais que se localizavam na fronteira do Brasil e Bolívia e não apenas entre a fronteira do estado do Acre e o Departamento de Pando.

Por algum motivo incerto, acredito que para não confundir com os italianos que vivem no Brasil ou com os moradores do Distrito Federal o termo *brasilianos*²⁷ não ficou tão conhecido. O que pode ser constatado na pesquisa é que a classificação *brasivianos* tornou-se mais utilizada nos jornais²⁸ e documentos escritos a que tive acesso.

Ao dialogar com essas fontes, observei a utilização da terminologia com referência a outros trabalhadores - garimpeiros dos rios Madeira, Mano, Caramano, Chipamano e Abunã, bem como a todos os brasileiros que estivessem vivendo na área de fronteira da Amazônia boliviana.

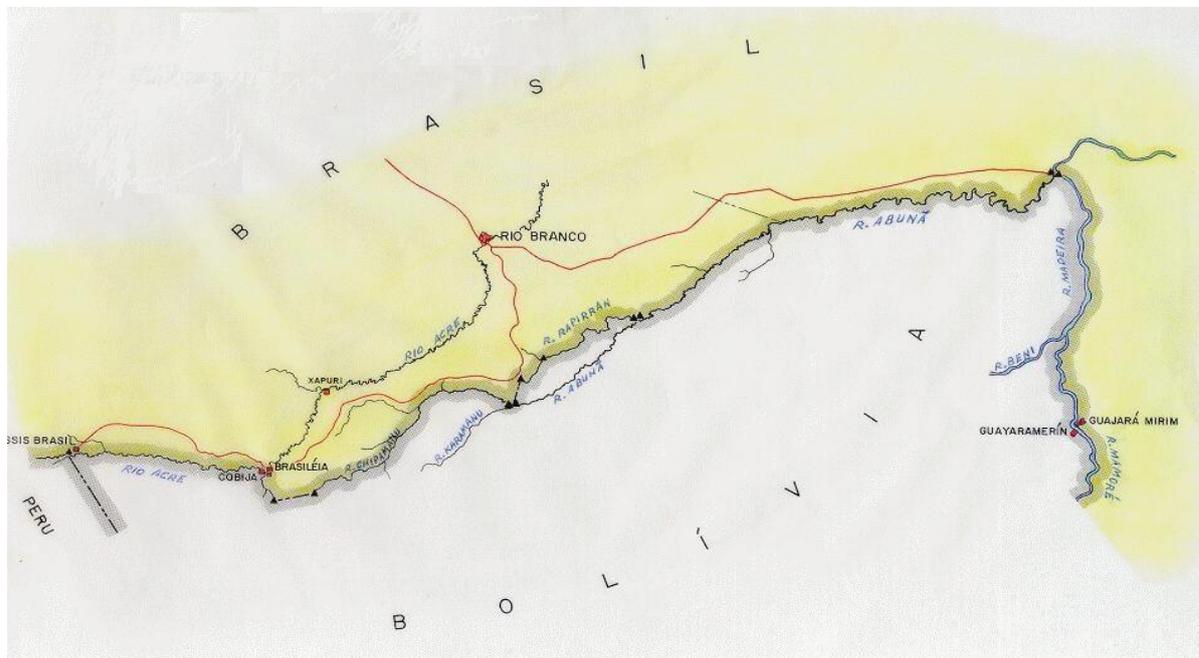
O mapa a seguir é da parte norte da fronteira do Brasil com a Bolívia e Peru. Ele abrange desde a foz do rio Yaverija, no rio Acre, até o rio Madeira, incluindo parte dos territórios do Peru (a oeste do rio Yaverija), do Estado do Acre (ao norte do rio Acre), do Estado de Rondônia (a oeste do rio Madeira) e do

²⁶ Escravos no sentido de presos pela dívida aos seringalistas, ou seja, patrões que forneciam mercadorias a um preço muito elevado e que proibiam a comercialização da borracha produzida por esses trabalhadores com qualquer outro tipo de comerciante e em especial com o marreteiro ou regatão. O seringueiro era condicionado pela necessidade de permanência no seringal e silenciado pelo medo de ser expulso ou até mesmo assassinado.

²⁷ Essa observação é informal. Não existe ainda nenhum dado oficial, logo essa argumentação é uma suposição.

²⁸ Também foi possível verificar a utilização da terminologia em outras fontes escritas como os jornais da década de 1990, em particular no Jornal de Brasília em edição do dia 31 de março de 1990, no Jornal do Brasil em edições dos dias 11 e 12 de junho de 1990 e 01 de julho de 1991 e por fim, na mesma década no jornal O Globo de 16 de novembro de 1992.

Departamento de Pando na Bolívia (ao sul do rio Acre e a leste do rio Yaverija). A parte que nos interessa em particular limita-se à fronteira do Acre, o Departamento de Pando, onde existe um maior contingente de seringueiros em constante deslocamento.



O relatório de uma Comissão de Parlamentares da Assembléia Legislativa do Estado do Acre, do ano de 1991, estima a presença de “15 mil seringueiros brasileiros em território boliviano, dos quais a grande maioria saiu do Estado do Acre”. Nesse documento, também é evidenciado o uso do termo “brasivianos” como referente aos diversos sujeitos que viviam na Bolívia:

“A situação exige medidas práticas e urgentes por parte dos governos dos países envolvidos. O Governo Federal Brasileiro, não pode mais desconhecer a questão. Faz-se necessário uma política para a Amazônia e no caso, para a região fronteiriça com a Bolívia, que trate do problema dos “brasivianos”²⁹.

Documentos como esses mostram que os trabalhadores que vivem na Bolívia foram identificados e denominados subjetivamente na Universidade Federal do Acre, na imprensa nacional e local, por autoridades políticas brasileiras, em particular ligadas ao Acre, bem como pelo Ministério das Relações Exteriores, em

²⁹ RELATÓRIO DOS SERINGUEIROS NA BOLÍVIA. 1991. Documento elaborado pelos ex-deputados Osmarino Amâncio (PT), Adalberto Ferreira (PMDB), Armando Salvatierra (PPR), Élson Bezerra (PRN) e Manoel Machado (PPR), sob a coordenação do ex-deputado Sérgio Tabuada (PC do B)

livros e artigos científicos ligados ao tema da migração no Brasil e outros, pelo termo genérico de “brasivianos”.

É interessante notar que esses diversos sujeitos citados, incorporaram a referida terminologia sem levar em consideração as particularidades e subjetividades desse grupo de trabalhadores. Isso significa que é evidente a falta de compreensão de quem são esses seringueiros brasileiros, como vivem, como se reconhecem e se identificam no decorrer de suas trajetórias. Há uma distância enorme entre o poder público, a Universidade e os representantes políticos do povo brasileiro e o povo brasileiro da fronteira boliviana.

Os dois documentos citados acima mostram que um grupo diversificado de pessoas de diferentes afazeres foi ocultado num termo que impossibilita sua percepção como seres humanos, tanto pelas autoridades estatais como pelos estudiosos no assunto.

Como juntar seringueiros (que já é um termo genérico que engloba muitas funções), plantadores de soja, garimpeiros de dois rios diferentes, num mesmo grupo? Partindo dessa questão busquei dialogar com as fontes orais e escritas na tentativa de não generalizar os homens e mulheres que passaram parte considerável de seu tempo de vida nos seringais brasileiros e bolivianos. Tendo consciência que pensar o conceito de identidade como algo inacabado a partir das trajetórias desses sujeitos possibilitou uma melhor, não total, compreensão de quem eles são.

Esse processo de reconhecimento do outro, no caso dos seringueiros com que tive contato, dá-se no decorrer da pesquisa de campo, da observação e acompanhamento de suas atividades quotidianas, das conversas e visitas, sempre de forma inacabada, já que a cada dia, novas informações e estratégias de sobrevivência são forjadas naquele espaço.

Foram o que apresentaram em suas falas, em seus gestos faciais e corporais que puderam ser vistos e analisados, proporcionando um exercício de ver além do que foi dito, mas com a ressalva de que o olho que vê, olha por um ângulo diferente, podendo estar certo, errado, ou nenhum dos dois, já que certo e errado são questionáveis a partir de onde parte o olhar. Essa tarefa não é fácil, pois, ao tentar estabelecer uma análise de trajetórias que possibilitem visualizar o processo de fragmentação desses sujeitos e suas várias identidades, deparei-me com a dificuldade de enxergar um mundo desconhecido para mim, mas íntimo para eles.

Foi necessário também o entendimento de que os sujeitos que falam, selecionam o que falar, levando a memória³⁰ a organizar seus pensamentos conforme lhes convém, deixando sair apenas palavras convenientes e nem sempre aquilo que se esperava que falassem. Observei também que algumas viagens de campo não seriam suficientes para entender como se organizam em seu dia-a-dia, como desenvolvem seu trabalho ou mesmo se relacionam com parentes e vizinhos do lado brasileiro e boliviano. Apenas algumas conclusões seriam possíveis, por exemplo, como se identificam tanto na linguagem verbal quanto na linguagem dos gestos, do olhar, do sorriso, do silêncio, como falam, vestem-se, trabalham e sobrevivem na floresta e na cidade.

Os depoimentos orais, apesar de fazerem parte do acervo do CDIH, fazem parte de algumas entrevistas que fiz juntamente com minha amiga Rosana de Castela, que também era bolsista do CNPq, no mesmo projeto de pesquisa. Utilizei essas fontes, pois não pude visitar, durante esses dois anos de pesquisa, os seringueiros que vivem atualmente na área de cinqüenta quilômetros da fronteira boliviana. Apenas foi possível coletar algumas informações do lado boliviano no Consulado do Brasil na cidade de Cobija.

Durante minha busca por dados estatísticos e mesmo pela localização geográfica de onde estavam as famílias brasileiras da área de fronteira, fui recebida entre os dias 20 e 35 de junho de 2007, pela senhora Lisbeth Erquicia Burgos³¹, que me forneceu alguns dados importantes como, por exemplo, a informação da estimativa de que na faixa dos 50 km da área de fronteira moram quinhentas famílias brasileiras e que atualmente cerca de três mil dessas pessoas ficam se deslocando entre Cobija e os municípios acreanos de Xapuri, Brasiléia e Capixaba. Mesmo não mencionando os municípios de Plácido de Castro, Epitaciolândia e Rio Branco no senso boliviano, é possível encontrar seringueiros nesses municípios que afirmam ficar em constante deslocamento entre o Acre e Pando em busca de trabalho.

Esses deslocamentos evidenciam que as possibilidades de trabalho fixo estão escassas nos dois lados da fronteira. Além disso, verifiquei que alguns dos

³⁰ A noção de memória aqui é individual e não coletiva já que suas falas baseiam-se na trajetória individual de cada um deles.

³¹ Assessora Política do Vice-Consulado do Brasil em Cobija. De acordo com ela o consulado tem se esforçado para fazer um levantamento que forneça números exatos, mas ainda não conseguiram terminar e estão com cerca de dois anos fazendo esse trabalho.

seringueiros brasileiros que moram na Bolívia, trabalham para os bolivianos na época da coleta de castanhas, entre os meses de dezembro a fevereiro, e que após esse período exercem diversos tipos de funções que antes não faziam parte de suas vidas. Um exemplo disso é o senhor Edílson Alves de Almeida³², que além de cortar seringa, coletar castanha, fazer roçado, também vendeu picolé, trabalhou como lenhador e atualmente faz serviços diversos em fazendas.

Outra história de vida interessante é a do senhor Antônio Alves de Araújo, de 47 anos, que nasceu no Acre e mora numa colocação chamada Deserto e, ao conversarmos, informou-me que ainda cortava seringa³³, mesmo com a desvalorização da borracha. Ao ser perguntado sobre o que fazia para viver, ele respondeu: “toda vida seringueiro. Sempre cortei, e ainda corto. A vida toda cortando”. Quando lhe foi perguntado se cortou seringa no Brasil, respondeu o seguinte: “Não, nunca cortei seringa no Brasil. Toda vida cortando seringa na Bolívia”.

O depoimento do senhor Antônio faz-me entender que *ele é o que faz*, é seringueiro porque corta seringa, portanto sua identidade produz-se no fazer diário, no trabalho realizado há anos, no modo de vida desenvolvido a partir do viver na floresta. O senhor Antônio em nenhum momento reconheceu-se como “brasiviano”, nem mesmo mencionou essa terminologia, mas, sobretudo, afirmou-se enquanto trabalhador, filho de pai seringueiro e seringueiro também.

Evidentemente a história de vida do senhor Antônio é apenas uma das inúmeras existentes na faixa de fronteira da Amazônia Sul-Occidental. Homens e mulheres vivem naquela região e possuem trajetórias individuais e, por isso, diferentes. Mas, de modo geral, a noção de cidadão brasileiro e ao mesmo tempo de seringueiro está ligada ao fato de serem reconhecidos pelo que fazem ou fizeram no passado enquanto trabalhadores, que mesmo nos seringais bolivianos, colaboraram com a economia do Brasil, já que a borracha produzida na Bolívia era e, ainda é, em algumas regiões, como no caso de Xapuri, escoada no Brasil e exportada para outros países.

³² O senhor Edílson Alves de Almeida tem trinta e seis anos, três filhos e uma esposa. No ano de 2000 foi para Epiaciolândia em busca de trabalho, mas continuava a se deslocar entre os seringais bolivianos e a cidade em busca de sobrevivência. Sua família mora atualmente numa pequena casa de madeira, com apenas um cômodo que é dividido por lençóis velhos.

³³ A entrevista foi realizada em 30.06.2000, na Vila Capixaba-AC. Naquela ocasião, ele e sua família estavam trabalhando no roçado, quando pararam suas atividades para ceder seu depoimento.

Na tentativa de visualizar um pouco da diversidade dos sujeitos dessa pesquisa, foram separados outros depoimentos escritos para fazer parte desse trabalho, com o intuito de ter uma idéia de quem são essas gentes, como pensam, e das variadas situações vivenciadas por eles na Bolívia e no Brasil. Apesar de ter consciência de que o diálogo com essa fontes partem de um olhar limitado, busquei nas histórias de vida fazer recortes que pudessem servir para pensar como esses sujeitos sociais apresentam-se por meio de suas falas e, também, de seus gestos e comportamentos, observados durante as entrevistas que realizei. É na fala do senhor José Nascimento da Silva³⁴, seringueiro, expropriado, que se pode observar alguns aspectos de sua realidade, representando em algum momento realidades de outros que vivem em constante deslocamento na fronteira de Brasiléia, Epiaciolândia e Cobija.

Meu nome é José Nascimento da Silva, trabalho na Bolívia de diarista de vendas, de um lado pro outro, porque em Epiaciolândia a venda está mais cara. Sabe... então a gente procura na Bolívia que a gente tem mais costume de trabalhar lá mesmo. Eu vivia lá, mas antes...., aí... eu soube da reunião, vim de uma hora para outra, aí trouxe o meu cunhado aqui, a finalidade de buscar a pé pra poder trabalhar no Brasil, porque pra ter mais um direito melhor (SILVA, 2000).

É possível perceber nessa fala, como também em falas de outros seringueiros que estavam nessa mesma reunião³⁵, a instabilidade econômica e social provocadas pelo desemprego. Essa situação de idas e vindas constantes entre as cidades do Acre e a Bolívia, impulsionadas, dentre outras coisas, pela frente pecuarista na década de 1970, em 2000 era provocada pela frente madeireira que se instalara na Bolívia, causando novamente um processo de expropriação do seringueiro, mas naquele momento, dos seringais bolivianos.

Com a falência da borracha enquanto mercadoria rentável, o senhor José Nascimento da Silva, assim como muitos outros trabalhadores, passou a trabalhar de diarista para conseguir sobreviver, um exemplo disso é que, ao referir-se ao trabalho de diarista, utiliza a frase “a gente procura na Bolívia que a gente tem mais costume de trabalhar lá mesmo”. Sem terra e sem trabalho, procurou juntamente com o seu cunhado no Sindicato de Brasiléia fazer parte de uma extensa lista de

³⁴ O senhor José Nascimento da Silva cedeu seu depoimento numa reunião realizada em 2000 na cidade de Brasiléia. De acordo com o relatório de pesquisa dessas entrevistas, do acervo do CDIH, a reunião foi convocada pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais de Brasiléia para informações acerca de como iria ficar a situação dos brasileiros que vivem na Bolívia.

³⁵ Essa reunião aconteceu no dia 22 de outubro de 2000, na cidade de Brasiléia-AC.

peças que precisam ser assentadas em Projetos de Assentamentos na cidade de Brasília. Para fazer parte desse processo, o seringueiro que vive na Bolívia deveria preencher um Cadastro que representava uma chance de voltar para o Brasil. O senhor José e o seu cunhado representam, no mínimo, duas famílias que vivem na Bolívia e que são sustentadas por eles. Isso significa que sua fala mostra uma certa realidade que não é apenas individual, mas coletiva.

Ao dizer “trabalhar no Brasil pra ter um direito melhor”, faz-me pensar que esse sujeito tem a consciência de que o país onde seus pais nasceram, onde trabalharam, onde incorporaram suas crenças e tradições, é o responsável pela solução de seu problema de desemprego.

É evidente que esse sujeito não é um homem sem noção dos “direitos” e que, mesmo se deslocando constantemente entre o Brasil e a Bolívia para trabalhar, reconhece no Estado brasileiro o responsável por garantir emprego, moradia, saúde, educação e segurança para ele e sua família. A todo o momento o que se percebe é a afirmação de que ele é brasileiro, mesmo não dizendo isso a todo o instante.

O Sindicato, em sua fala, representa o interlocutor, o intermediário, aquele que teria a função de aproximar o seringueiro sem-terra do Estado-Nação brasileiro. Mas isso não significa dizer que haja uma semelhança entre o sindicato, instituição jurídica, e o seringueiro, trabalhador que está em busca de sua ajuda. A esse respeito, analisei o depoimento do Senhor Antônio Nunes de Araújo, brasileiro que mora na Bolívia:

Eu vim aqui nessa reunião que vocês estão fazendo só, e não tenho condição de comprar terra nem na Bolívia e nem no Brasil, porque tudo tá difícil, eu moro lá (na Bolívia) há 17 anos, lá dentro, eu venho aqui, torço por vocês e quero ver o que vocês (o sindicato e as forças políticas aliadas) fazem por nós (ARAÚJO, 2000).

O senhor Antônio Nunes, com um jeito simples de falar, poucas palavras, mas uma voz firme, cobra do Sindicato que faça o trabalho de resolver a situação dele e também dos demais semelhantes a ele nas circunstâncias. É ainda possível ir mais além, quando utiliza o pronome *vocês* e não *nós*, diferencia os representantes do Sindicato e os aliados políticos presentes na reunião dos seringueiros sem-terra e sem direito, pois *vocês* é diferente de *nós*. O pronome *nós* pode ser entendido como representante lingüístico de um grupo específico, sendo brasileiro e/ou boliviano, do qual o seu Antônio Nunes faz parte, os seringueiros que vivem os conflitos pela

posse da terra na Bolívia e a necessidade de terra no Brasil, portanto é utilizado para representar *aproximação*, *semelhança*. Enquanto que o pronome *vocês* pode ser associado a uma idéia de *distanciamento*, de *distinção*.

Esse seringueiro, mesmo demonstrando reconhecer-se como seringueiro, com capacidade para trabalhar e ser inserido na RESEX, como demonstrou em outro momento da reunião, dá pista de uma realidade que apresenta o não pertencimento a um lugar fixo e a insegurança como fatores presentes no seu cotidiano. Mostra-se pela necessidade de incorporação de diversas funções que não possui uma identidade, mas várias identidades ligadas ao trabalho e que se evidencia pela troca constante de afazeres em decorrência do desemprego e da falta de qualificação exigida pelo mercado de trabalho. Ele também não se reconhece ou se refere a si mesmo como “brasiviano”.

O que consegui observar foram homens e mulheres que passaram por uma “perda de si”, ou seja, “um abalo da idéia que temos de nós próprios como sujeitos” (HALL, 2000)³⁶. Não identifiquei nenhum “brasiviano”, mas, sobretudo, seringueiros, sujeitos que estão a cada dia, e quantas vezes forem necessárias, sofrendo um processo de fragmentação, de incorporação de novas identidades, necessárias para sua sobrevivência num mundo em movimento contínuo e em transformação rápida e constante na busca de um lugar onde pudesse se sentir seguro.

Se houvesse um sentimento de segurança na Bolívia, por que seu Antônio buscava ajuda no Brasil? Se o Brasil, país de nascimento e de onde herdou uma língua e sua cultura, lhe proporcionasse o direito de cidadania, por que ter saído para morar 17 anos na Bolívia e estar até hoje morando lá?

É evidente que esses sujeitos são seringueiros, coletores de castanha, diaristas, agricultores, pais, mães, filhos, mas, sobretudo, “estrangeiros”, no sentido proposto por Jorge Larrosa³⁷, por se sentirem deslocados, sem lugar, pertencentes a lugar nenhum. A meu ver, esses homens e mulheres “se constituíram em trabalhadores transnacionais, cuja identidade e direitos civis e trabalhistas estão indefinidos” (SPRANDEL, 1995). São seringueiros, mas não são reconhecidos no Brasil, pois cortam seringa e moram em território boliviano; nem na Bolívia, pois são

³⁶ HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

³⁷ Educação e Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação/ Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) nº 79 – 2002.

brasileiros. São brasileiros, mas não são reconhecidos, pois, na prática, não gozam dos direitos no Brasil.

No caso específico dos trabalhadores seringueiros, o deslocamento ocorreu devido às expropriações dos seringais do Brasil, provocando dentre outras conseqüências a ida para os seringais da Bolívia. Nesse processo, os antigos espaços são redefinidos. Aqueles que foram para a Bolívia perderam, além de sua terra, também seus espaços simbólicos, ou seja, o lugar no grupo daqueles que ficaram e lutaram pela terra e por seu modo de vida na floresta brasileira.

A saída desses trabalhadores para a Bolívia provocou naqueles que ficaram uma idéia de abandono, e de acordo com muitos seringueiros do lado brasileiro, que tivemos contato na pesquisa de campo, essa ida para a Bolívia também teria sido uma demonstração de “covardia”. Além disso, ao deixar os espaços de conflito pela posse da terra no Acre, também deixaram seu lugar de moradia, seus amigos e vizinhos. Conseqüentemente, naqueles que foram e se arrependeram, pesa a culpa de terem abandonado a luta por seu espaço do lado brasileiro. Acredito que essa culpa só tem lugar em seus pensamentos pela insegurança vivida em terras bolivianas e pela necessidade de reconhecimento de cidadania no Brasil.

Houve algumas reuniões em Brasiléia no ano de 2000, e estive presente na do dia 22 de outubro. O assunto em pauta era a situação dos seringueiros brasileiros que estavam na Bolívia. Entretanto, não havia solução para o problema e as posições do STR e dos representantes do Governo Federal (Ibama/CNPT) e Estadual Seater/AC eram as mesmas: reconheciam o problema e a necessidade de resolvê-lo, mas não tinham como assentar de imediato as famílias de seringueiros que estavam na Bolívia.

Numa outra reunião ocorrida entre os dias 12 a 14 de outubro de 2002, a professora Benedita Esteves fez-se presente e relata em um de seus artigos³⁸ a posição dos dirigentes do STR de Brasiléia:

O discurso inicial dos dirigentes versava sobre “à vontade de resolver os problemas dos ‘companheiros’ que vivem nos seringais da Bolívia”, mas estes “não sabem como fazê-lo” – uma vez que não sabem precisamente quantos e onde estão os “brasileiros que vivem na Bolívia”. (...) Os

³⁸ Essa informação foi tirada do artigo intitulado **A hierarquização dos espaços agrários na Amazônia Sul- Ocidental: os assentados em áreas de preservação e os não assentados** publicado na Revista NERA, de Jul./Dez. PP. 48-67 de 2005.

discursos dos líderes e dos técnicos eram complementares. Explicavam insistentemente que a Reserva seguia as normas estabelecidas pelo Plano de Uso – que, segundo eles, estas normas haviam sido discutidas à exaustão entre os moradores antes de serem aprovadas. Ressaltavam que a Associação dos Moradores da Reserva Extrativista de Brasília (AMOREB) era responsável pela administração do Plano, e que, para assentar um novo morador, seria necessária, dependendo da área, a aprovação de cada comunidade. A vantagem, caso alguém desejasse ser assentado com aprovação das respectivas comunidades, é a possibilidade de negociar com o governo o crédito para abertura de ramais e compra de animais (ESTEVES, 2005)

Mesmo que houvesse a possibilidade de algumas dessas famílias serem assentadas na Resex, ainda teriam que passar pela aprovação da comunidade e, depois, ainda teriam que negociar com o governo créditos, para que não viessem a ficar isolados e sem condições de sobrevivência lá dentro. A análise da professora Benedita mostra que o conteúdo das proibições apresentadas na reunião pelos representantes do governo e Sindicato era a tradução da negação.

Além dessas questões, percebe-se, a partir dos depoimentos, que há uma diferença de posicionamento dos sujeitos dependendo do lugar de onde se fala. Alguns do que estão na Resex não querem perder espaço, terra, já que com os filhos, ao se casarem, as estradas de seringa são divididas. Ainda existe a preocupação com a perda do controle do que pode e não pode ser explorado dentro da Reserva, além do medo de conflitos provocados por invasão de territórios, dentre outros.

A posição dos seringueiros que vivem na Bolívia e ficam entre idas e vindas é clara: esperam providências do Estado brasileiro para que sejam assentados, já que são brasileiros. Não havendo condições de serem assentados na RESEX, restar-lhes-iam os PAs (Projetos de Assentamentos), mas essa opção também levaria alguns anos, já que a informação que obtive no Incra em Brasília é que havia, naquela ocasião, no ano 2007, nove anos que não era feita desapropriação naquela região.

No ano de 2004 foram criados dois Projetos de Assentamento naquela região da fronteira. Em Brasília foi criado o Projeto de Assentamento Fortaleza; em Assis Brasil, o nome dado ao Projeto de Assentamento foi Paraguaçu. Segundo o senhor Antônio Guilherme da Silva Bibiano, chefe substituto do Incra naquela ocasião, os dois foram ocupados por famílias de seringueiros para trabalhar na agricultura, mas não teria dado muito certo em decorrência da falta de infra-estrutura e a dificuldades desses seringueiros em trabalhar “sob o sol quente”.

Além do problema de adaptação dos que foram assentados, é grande o número de famílias que ainda não têm onde ser assentadas. Enquanto não aparecem soluções concretas para resolver o problema da falta de terra, os seringueiros forjam formas de sobreviver, como é o caso do senhor Antônio Alves de Araújo de 47 anos. Conforme depoimento, ele iniciou sua trajetória em Rio Branco e depois se deslocou para Plácido de Castro, município “perto” de onde mora, na colocação Deserto, dentro do seringal São Francisco. É um dos inúmeros seringueiros que encontrei trabalhando com agricultura, pois desde a queda da borracha ficou inviável a sobrevivência com o corte da seringa, como é mencionado em sua fala:

No Brasil eu pelejei muito, mas nunca tirei no INCRA, Nunca tive sorte. Mas, onde eu moro eu aprovo né, eu tenho pra comer. Só tira mal quem não tem né, quem não faz nada. Lá onde eu trabalho, eu tenho pra comer todo o tempo. Aí no Brasil, não tenho sorte né (ARAÚJO, 2000)³⁹

É fácil encontrar nos municípios de Brasiléia, Epitaciolândia, Plácido de Castro, Capixaba, Xapuri e Rio Branco seringueiros que se deslocam dos antigos seringais bolivianos em busca de trabalho, mesmo que provisoriamente, na diária. Ao se deslocarem para as cidades, esforçam-se para saber notícias de parentes, para matricular filhos em escolas públicas e em busca de serem atendidos nos postos de saúde.

Em suas falas dizem que viveram grande parte de suas vidas, e alguns ainda vivem, em busca de terra. Isso se deve a inúmeros fatores, mas fundamentalmente por não ter acontecido uma política de reforma agrária no Brasil que dê conta de assentar os brasileiros que vivem na Bolívia e nem mesmo daqueles que estão espalhados pelas cidades do Acre, sem moradia fixa, morando de favor em casas de parentes ou de aluguel.

Outro dado importante é que, no levantamento dos documentos escritos, jornais e relatórios, há uma grande preocupação do governo brasileiro em manter os seringueiros brasileiros nas terras bolivianas, já que a vinda para o Brasil de forma desordenada e abrupta causaria um caos econômico e social ainda maior do que o já existente.

A situação do senhor Antônio é semelhante à de vários outros trabalhadores dessa parte da fronteira amazônica. As possibilidades de conseguir

³⁹ Antônio Alves de Araújo, 47 anos, mora na Bolívia e cedeu seu depoimento no dia 30 de junho de 2000 na cidade de Capixaba. Essa entrevista faz parte do acervo do CDIH/UFAC

emprego no Brasil são bastante limitadas e ele tem consciência disso, pois tem contato com amigos e parentes que já saíram da Bolívia e que vivem em condições precárias. Um dos fatores que influenciam bastante na hora de conseguir trabalho fixo, com carteira de trabalho assinada, é a lógica do mercado de trabalho, que está cada vez mais seleta e que exclui aqueles que não têm perfil, ou seja, qualificação, estudo, como sugere em sua fala: “Nós que tiver lá (na Bolívia) dentro vamo saí. Não é bom não, pra quem não tem saber, aí vai trabalhar pra qui pra acolá na diária”.

Outra razão pela qual os seringueiros brasileiros deslocam-se da Bolívia para o Brasil é a busca pelo direito à educação e saúde. Em vários depoimentos utilizam o argumento da nacionalidade para responsabilizar, e ao mesmo tempo para o pedido de ajuda, as instituições do governo brasileiro. Dentre as instituições, a mais mencionada é o INSS, órgão responsável pelo processo de aposentadoria e que exige documentos comprobatórios do tempo de serviço prestado nos seringais. Quase sempre os seringueiros não têm, precisam esperar a idade certa para conseguir o benefício.

Na maioria dos depoimentos coletados, percebi que os entrevistados nasceram no Brasil, e mesmo os que nasceram em terras bolivianas não se consideram bolivianos, pois a descendência é brasileira, e, portanto, registrados nas cidades limítrofes com a Bolívia, sendo fluentes na língua “portuguesa do Brasil”. Muitos deles são descendentes dos trabalhadores que vieram da região nordeste do Brasil cortar seringa na época de Segunda Guerra Mundial. É possível também encontrar casos de seringueiros que são de diversas outras partes do país e ao chegarem ao Acre foram enviados diretamente para os seringais na Bolívia.

Esses sujeitos representam em suas falas uma noção de identidade a partir do trabalho, mas ao mesmo tempo recorrem ao um discurso nacionalista para conseguir obter benefícios que lhes são negados na Bolívia. São homens e mulheres que desenvolvem estratégias de sobrevivência a cada dia.

No caso do senhor Antônio, o nascimento ocorreu no Brasil, sua nacionalidade de brasileiro é definida pelo nascimento, portanto considera que vir para o Acre em busca de ajuda é algo natural, não somente pelo fato de que o município de Capixaba faz fronteira com a Bolívia, mas fundamentalmente porque na Bolívia não tem acesso a atendimento médico gratuito. Dessa forma, as poucas

alternativas que surgem no Brasil para obter consultas médicas e hospitalares, moradia, emprego, e educação para os filhos, são abraçadas rapidamente.

Diferentemente do senhor Antônio, há inúmeros casos de seringueiros que nasceram em seringais na Bolívia. Dentre alguns depoimentos desses sujeitos, foi selecionado o do senhor Alderino Alves Correia. Seu Alderino nasceu mais precisamente no seringal Monte Caseiro na colocação Camponesa; seu pai foi seringueiro, nasceu no Rio Grande do Norte e teria vindo para o Acre cortar seringa na época da Segunda Guerra Mundial; sua mãe nasceu em Rondônia e o concebeu na Bolívia, onde é negado pela Constituição daquele país o direito de terra a estrangeiros.

Mesmo tendo o conhecimento de que se fosse registrado na Bolívia teria direito a um pedaço de terra para morar, o pai de seu Alderino não o registrou na Bolívia. Segundo esse seringueiro o motivo é a conseqüente obrigatoriedade em servir ao Exército boliviano quando chegasse à idade apropriada. Seu pai optou em registrá-lo no Brasil, pois, segundo ele, as possibilidades de reconhecimento da cidadania seriam remotas, mas existiam. Eis os direitos sociais garantidos pela Constituição de 1988 no Capítulo II sobre os Direitos Sociais:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição⁴⁰.

De acordo com o Art. 6 da Constituição de 1988, todo cidadão brasileiro tem dentre outros direitos o de trabalho e de moradia. Mas será que o seringueiro que está na Bolívia, que nasceu e lá vive há muitos anos, pode ser considerado cidadão brasileiro?

Pelo Art. 12 “os nascidos no estrangeiro, de pai brasileiro ou de mãe brasileira, desde que qualquer deles esteja a serviço da República Federativa do Brasil”, assim como também “os nascidos no estrangeiro, de pai brasileiro ou de mãe brasileira, desde que venham a residir na República Federativa do Brasil e optem, em qualquer tempo, pela nacionalidade brasileira”, são brasileiros natos.

⁴⁰ Constituição da República Federativa do Brasil: 1988 – texto constitucional de 5 de outubro de 1988 com alterações adotadas pelas emendas Constitucionais de Revisão de n. 1 a 6, de 1994. – 19 ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

Tanto o senhor Antônio quanto o senhor Alderino são brasileiros, mas não exercem a cidadania porque, para ser considerado cidadão, deve *residir na República Federativa do Brasil*. Esse critério é um dos fatores que serve de desculpa para que seus direitos não sejam garantidos no Brasil.

Segundo o senhor Alderino, sua trajetória foi bastante difícil por não ter esses direitos exercidos na prática. Veja o que ele diz:

Passei uma trajetória assim meio meio ambulante né, de lá eu saí desci aqui no rio Abunã, entrei num igarapé que tem chamado, é Burichá, fui morar num seringal lá dentro, lá em cima do Burichá, chamado Reforma, lá eu passei mais de seis meses. (...) Aí de lá, de lá sai ai vim pra Plácido, aí daqui passei uns dias aqui trabalhando como bóia-fria. O bóia-fria leva dentro numa latinha de manhã, pega a foice e põe nas costa e vai pros campo brocar mato, aí quando dá meio-dia tem que comer aquela comida fria lá, tipo seringueiro, né, só que seringueiro também é, é o mesmo esquema também, você bota a comida num saco, anda meia-hora de distância, vinte minuto, tem que comer ela fria também, só que o pessoal considera mais o pessoal da colônia como bóia-fria. Aí eu passei uns três mês trabalhando como bóia-fria e depois voltei, aí fui trabalhar num seringal chamado Boágua, do lado brasileiro (CORREIA, 2001)⁴¹

A trajetória do senhor Alderino evidencia a falta de um lugar fixo, assim como também a instabilidade no trabalho. Ele estaria incluído no grupo de trabalhadores que Bourdieu chama de “atopos, sem lugar, deslocado, inclassificável, nem cidadão nem estrangeiro”, situado no que ele considera como a “fronteira entre o ser e o não-ser social”⁴². Não tem emprego e sua antiga profissão nem é mais considerada uma profissão, tem que fazer o que aparecer. Ele é seringueiro, agricultor, bóia-fria e diarista. O movimento de idas e vindas entre o Brasil e Bolívia faz dele um morador da fronteira em vários sentidos. Mora numa fronteira que foi inventada para limitar territórios e representar poderes políticos e ao mesmo tempo vive na fronteira entre o ser cidadão e ser estrangeiro nos dois países. Está num lugar “nem um nem outro”⁴³.

Na entrevista cedida pelo Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, senhor Rosildo Rodrigues de Freitas, no dia 22 de outubro de 2000, pode ser observado que a situação dos trabalhadores que moram na Bolívia

⁴¹ O senhor Alderino cedeu sua entrevista na cidade de Plácido de Castro em agosto de 2001. O município era o local onde estava morando na época.

⁴² SAYAD, A. A Imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1991.

⁴³ Op. Cit. 2005.

não apenas é conhecida, mas motivo de discussão das forças sindicais do lado brasileiro:

Aquela questão da imposição colocada pelo governo boliviano com a permanência de vocês, e sabemos que o povo, agora ta havendo uma manifestação maior da gente que permanecia na área da Bolívia por falta de alternativa. E hoje já começou se cogitar essa nova, essa outra alternativa que despertou uma, vamos dizer, uma vontade antiga desses moradores pra vir pro lado brasileiro, pra sobreviver com dignidade. E a prova tanto que esse povo se orgulha tanto de ser brasileiro que maioria desses filhos, quase 100% dos filho que nasce na Bolívia são registrados aqui (Brasil).⁴⁴

Ao falar da imposição do governo boliviano, o senhor Rosildo está se referindo à restrição feita pelo Governo Boliviano à permanência dos brasileiros nos 50 km de fronteira da Bolívia com o Brasil. Exatamente o local onde prevalece a presença de seringueiros, para ser mais precisa, cerca de 2.000 famílias na fronteira com Assis Brasil até Acrelândia⁴⁵.

Ao mencionar “sobreviver com dignidade”, refere-se ao fato de que no Brasil não serão humilhados, ou melhor “expulsos” pelos bolivianos, no confronto pela posse daquelas terras. Entretanto, em nenhum momento o direito à cidadania plena, com uma propriedade privada, condições de trabalho etc, é garantido, mesmo que os ideais de igualdade e liberdade façam constantemente parte do discurso de quem representa o poder, como é o caso do STR de Brasília e os representantes do Estado-Nação com suas leis.

A meu ver, aos sujeitos dessa pesquisa não importa entender quem eles são, pois em nenhum momento das entrevistas eles têm dúvida de quem são, mas, fundamentalmente, para onde vão. A incerteza do amanhã é algo visível conforme pode ser evidenciado na fala da senhora Maria Decilda do Nascimento⁴⁶: “Não tenho para onde ir, mas também tem muito boliviano clandestino no Brasil. A realidade dos constantes deslocamento faz desses homens e mulheres “estrangeiros”⁴⁷ no sentido proposto por Jorge Larrosa, por sentir o não-preenchimento de um vazio social, da

⁴⁴ Rosildo, presidente do STR de Brasília AC. Entrevista realizada em 2000 pela professora Dra. Benedita Maria Gomes Esteves, Coordenadora do Projeto Seringueiro Expropriado, Trabalhador Recriado: o caso dos “brasivianos”, financiado pelo PIBIC/CNPq/UFAC. Acervo: CDIH/UFAC.

⁴⁵ Essa informação foi obtida no Consulado Brasileiro em Cobija. Na ocasião o senhor Julio Miguel da Silva, Cônsul Brasileiro, tentava me explicar que não tinha números exatos, pois ainda não tinham terminado o levantamento (que faziam a mais de um ano) da quantidade de seringueiros na Bolívia.

⁴⁶ Fala retirada do Jornal o Estado de São Paulo de 11 de março de 2007.

⁴⁷ O sentido de estrangeiro é o proposto por Jorge Larrosa no artigo ¿ Pra que nos servien los extranjeros? Publicado na Revista Educação e Sociedade, Dossiê Diferenças. Ano XXIII - Agosto/2002 - Número 79.

exclusão e do sentimento de não-pertencimento, de fato e de direito nem ao Brasil nem à Bolívia.

Quanto mais leio seus depoimentos ou converso com eles, percebo que esses sujeitos são muito mais do que foi mencionado aqui, são sujeitos diversos, com saberes diferenciados. Suas identidades estão sendo postas à prova a cada incorporação de novas funções e mudança de pensamento sobre o mundo em que vivem ou gostariam de viver. Eles não são “brasivianos” no sentido proposto pela palavra, com seus significados de dupla nacionalidade. São sujeitos brasileiros e bolivianos ao mesmo tempo, que utilizarão a nacionalidade conforme suas necessidades.

O que se apresenta, a priori, são sujeitos sem pátria, com uma idéia de nação que só existe em seus pensamentos e anseios. Em suma, são homens e mulheres contraditórios, com várias identidades e sem cidadania.

CAPÍTULO II

CONSIDERAÇÕES SOBRE NAÇÃO E PÁTRIA NA FRONTEIRA

Durante o período em que fui bolsista na Universidade Federal do Acre tive a oportunidade de ter contato com alguns dos brasileiros que vivem na Bolívia, mais especificamente com homens, mulheres e crianças que moram num lugar que chamam de seringal Adélia. Esse seria o nome dado a um antigo seringal que era gerenciado por um brasileiro, de cujo nome não me recordo, mas que teria várias colocações sob os cuidados de seringueiros brasileiros.

Conheci essa região da Bolívia numa viagem de campo financiada com recursos do PIBIC/CNPq. Passei alguns dias viajando, saí do seringal Cachoeira em Xapuri e durante o dia andei pelos varadouros e à noite encontrei abrigo nas casas dos seringueiros. Foram dois dias andando até chegar à antiga sede do Seringal Adélia e, ao chegar, fui bem recebida. Havia pelo menos três famílias reunidas comemorando o dia 7 de Setembro, feriado nacional no Brasil.

Esse dado a princípio me impressionou muito, pensei comigo mesma na época: *“O nacionalismo entre eles é forte, devem estar aqui porque não têm como ir para o Brasil, mas com certeza gostariam de estar lá”*. Estavam reunidos para comemorar lá dentro da Bolívia a Independência do Brasil. Que irônico, homens e mulheres que em seus relatos falavam das dificuldades vivenciadas em terras bolivianas, trabalhando apenas no período da coleta de castanha, sobrevivendo com poucos animais, alguma mandioca e carne de caça e, entretanto, comportando-se como se estivessem no Brasil. Inevitavelmente surgiu em mim a pergunta: Por que comemorar a independência de um país que afirmavam negar um pedaço de terra para garantir sua sobrevivência?

Novamente essa problemática do sentimento nacional veio à tona, quando da análise das entrevistas e do documentário audiovisual La Rota Del Pacífico, em que se pode verificar a afirmação da nacionalidade brasileira entre os vários seringueiros brasileiros que vivem na região de Riberalta na Bolívia. O documentário mostra algumas regiões da fronteira trinacional Brasil-Bolívia-Peru, mas, especificamente para algumas reflexões, utilizei os depoimentos colhidos na região de Riberalta-BO. Essa é uma região onde se localiza uma grande quantidade

de seringueiros brasileiros que extraem a seringa e coletam castanha para vender e que há algum tempo têm sofrido ameaças de expulsão do governo boliviano.

Riberalta é um município boliviano que foi fundado no final do século XIX para ser um entreposto na exportação da borracha. Seguindo o rio Beni em direção ao Brasil e ao Oceano Atlântico, está localizada antes da Cachoeira Esperança. A evidente presença de seringueiros brasileiros, em Riberalta, é bastante explorada no documentário. São brasileiros que nasceram, vivem e estão lá há mais de 40 anos, e a presença de diversas famílias de seringueiros não é sem motivo, a cidade é uma referência em exportação de castanha para os EUA e Europa. Dessa forma, os seringueiros coletores de castanha vendem o que extraem da floresta para empresas beneficiadoras. Segundo Salo Vinocur Coslovsky⁴⁸, o município de Riberalta tem aproximadamente 20 beneficiadoras de castanha e atualmente compra toda a matéria-prima dos coletores de castanha.

Os sujeitos que vivem e sobrevivem naquela região construíram suas vidas e seus sonhos durante o tempo em que estão lá e alguns residem há mais de 40 anos. Provavelmente os mais velhos tenham ido para lá na década de 1970, época em que o Acre passava por uma das crises da borracha e pelo fracasso do governo acreano em aquecer a economia extrativista com a construção de uma indústria de beneficiamento de castanha nas regiões de Xapuri e Brasiléia. O senhor Murilo Teixeira é um dos mais antigos seringueiros brasileiros que aparecem no Documentário e em sua fala diz ter saído em 1971 do rio Xapuri, passando por outro seringal até ir para a Bolívia, conforme pode ser visto no depoimento: “Rapaz, pra começar eu saí do rii (rio) Xapuri, aí de lá eu fiquei trabalhando aí do outro lado aí, no Equador, seringalzin, mas do Brasil, aí de lá foi que eu vim pra dentro da Bolívia, mais ou menos em 71”.

Além do senhor Murilo, aparecem outros homens, como é o caso do senhor Francisco Castro da Silva, que mora na Bolívia há 48 anos e que na ocasião da gravação estava reunido com sua família. Os filhos do seu Francisco aparecem com os instrumentos utilizados para o corte da seringa, mostrando como se corta a seringueira. São pessoas que criam animais como galinhas, porcos, gado em

⁴⁸ Salo Vinocur Coslovsky, economista brasileiro do MIT (Massachusetts Institute of Technology). Informação retirada do artigo: *Determinantes de Sucesso na Indústria da Castanha - Como a Bolívia desenvolveu uma indústria competitiva enquanto o Brasil ficou para trás.*

pequena quantidade e que trabalham com a produção de borracha e coleta da castanha.

Essas pessoas aparecem contando a situação de conflito pela posse da terra na Bolívia e a disputa pelo direito à coleta da castanha daquela floresta como pode ser observado na fala do senhor José Maria quando indagado sobre a sua situação da ameaça de expulsão e o convívio com os bolivianos, ele responde:

“levando, os bolivianos né, chega, não pede autorização de ninguém, né, nem de quem é dono de lugar, né, nem de quem não é né, chega já arrancando as castanha, né, que a gente topa eles por lá pela mata, fala pra eles não cortar, mas eles tem direito de quebrar, ninguém pode empatar né, que a terra é deles.

Temos ainda a fala do senhor Cornélio Fernando, que afirma o seguinte: “Agora ta meio ruim, que cercaro a gente lá de bolivianos né, aí ficamos no aperto. Até pra tirar castanha eles fica invadindo tudo aí, né, tem até roçado em frente ao meu campo, ficou (...) difícil”. Essas falas são muito significativas, a situação vivida na Bolívia esteve influenciando a todo o momento suas avaliações sobre o significado daquela terra para suas vidas. As perguntas feitas por quem estava atrás da câmera são em relação aos problemas enfrentados com a promessa de expulsão deles daquele território.

No decorrer da análise das fontes orais e das conversas com alguns dos sujeitos dessa pesquisa, surgiram questões sobre “um tipo” de amor à pátria e a necessidade de afirmação da nacionalidade como marco diferenciador entre seringueiros brasileiros e bolivianos. Eis o que diz o senhor Murilo Teixeira em outro momento de sua fala, quando da pergunta sobre a possibilidade de se naturalizar boliviano: “Eu não me naturalizo não, eu não vendo minha pátria nem pela terra da Bolívia toda, eu não”.

Essa fala é interessante, pois traz o seguinte questionamento: Por que não se naturalizar boliviano já que fazendo isso o seu Murilo não teria de ser expulso do local onde construiu vínculos como a família e o viver na floresta? Falas como a da esposa do seu Francisco Castro da Silva, reafirmam um tipo de sentimento nacional que aparece em várias falas, conforme demonstra: “sempre brasileira mesmo, né, eu gosto da terra, mas não posso negar minha pátria”. Por que num momento de insegurança, diante da ameaça de expulsão, ainda se mantém um

discurso de defesa da pátria? De orgulho de ser brasileiro? É como se a terra fosse o chão em que se vive, mas a pátria uma idéia de lugar aonde ir, em último caso.

Por isso, parti desses pontos de discussão e busquei inspiração em referenciais teóricos - em especial à História, com Eric Hobsbawm, e à Sociologia, com Zigmunt Bauman - que discutem sobre os conceitos de nação, pátria e sentimento nacional pertinentes a essas problemáticas. Mas como pensar um sentimento nacional com sujeitos que mesmo afirmando pertencerem a uma nação, não exercem os supostos direitos de cidadania e nem residem na pátria de sua língua materna, mas num território político, econômico e geograficamente “estrangeiro”?

A problemática do pertencimento não é recente, assim como a necessidade idealizada da afirmação de uma identidade coletiva do indivíduo enquanto parte de um grupo remonta ao processo de sedentarização do homem. No entanto o sentimento nacional faz parte do período de tempo denominado de “modernidade”, especificamente da formação dos Estados Nacionais conforme Eric Hobsbawm (1990) afirma no seu livro *Nações e Nacionalismo desde 1780*: “[...] As nações, sabemos agora [...] ‘não são tão antigas quanto a história’ [...] O sentido moderno da palavra não é mais velho que o século XVIII considerando-se ou não o variável período que o precedeu”⁴⁹.

O Estado representado por diversos modelos (monarquia, república etc.) apresentava-se como responsável por delimitar a localização de raças, povos e etnias, com línguas, costumes e símbolos nacionais diferentes, marcando dessa forma não só as fronteiras geográficas como também as culturais. Essa marca de identidade a partir da nação foi produzida por um discurso civilizador que se utiliza da memória coletiva para manter povos unidos por uma quantidade de signos, de modo geral, construídos historicamente.

Iniciei verificando que os estudos concentrados em discutir a questão da nação “e qual seu papel no desenvolvimento histórico é maior no período de 1968-1988 do que em qualquer período anterior com o dobro dessa duração”⁵⁰. É na Europa que os primeiros estudos são desenvolvidos.

⁴⁹ HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*; tradução Maria Célia Paoli, Anna Maria Quirino. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁵⁰ Idem

Percebi que não sabia como diferenciar nação e pátria. Busquei, a partir daí, diálogos com autores, e foi com Hobsbawm (1990) que consegui fazer essa diferenciação. Para ele nação é “um modo de classificar grupos de seres humanos” e que “certos grupos se tornaram “nações” e outros não”, devido a “critérios simples como a língua ou a etnia ou uma combinação de critérios com a língua, o território comum, a história comum, os traços culturais comuns e outros mais”. E nesse sentido inicio concordando com Eric Hobsbawm quando afirma que:

[...] Além disso, como veremos os critérios usados para esse objetivo – língua, etnicidade ou qualquer outro – são em si mesmos ambíguos, mutáveis, opacos e tão inúteis para os fins de orientação do viajante quanto o são as formas das nuvens se comparadas com a sinalização de terra.

Essa observação, mesmo que se tratando da Europa, faz-me pensar o caso dos seringueiros que nasceram em terras bolivianas, filhos de pais brasileiros e que falam a língua portuguesa, como pessoas distintas. Primeiro com relação aos bolivianos, pois a diferença é marcada pela língua, cultura, tradições e origem diferenciadas; também se diferenciam dos outros brasileiros, pois, apesar de falarem o português do Brasil, não exercem cidadania brasileira. Dessa forma, se partir da língua materna ou de qualquer outro signo para definir ou identificar grupos de homens e mulheres seringueiros e trabalhadores em geral, de um determinado território que é literalmente a fronteira, inevitavelmente estarei definindo “um mundo de sujeitos heterogêneos” como homogêneos pelos critérios postos pelo Estado-Nação.

A problemática da nação, nesse trabalho, torna-se importante pelas constantes afirmações de pertencimento ao Brasil, contidas nos depoimentos desses trabalhadores. Assim, só é possível fazer a discussão sobre nação e nacionalidade, pois a fronteira é para os seringueiros outro país “de direito”, mas “não de fato” já que mesmo tendo a consciência da fronteira geográfica, vivem num lugar diferenciado, poderia dizer num espaço de brasileiros seringueiros dentro da floresta boliviana e só depois dentro da Bolívia. O que quero dizer é que no espaço dos 50 km *a fronteira é brasileira e não boliviana*, onde a maior parte das pessoas que lá vivem são seringueiros. Assim pode-se compreender que:

A reconstrução de seus modos de vida em outro lugar não traduz um significado de abandono de suas tradições e experiências anteriores, pelo

contrário, o deslocamento significa a oportunidade de reestruturá-lo. Se no outro país fala-se outra língua, reconstróem-se círculos familiares, compadres, conhecidos e compatriotas que a excluem ou a adaptam. As situações concretas de contato com o outro, serão regidas pela incorporação de novos elementos e não pela negação dos trazidos.⁵¹

Durante o tempo vivido na Bolívia esses brasileiros não deixaram de cortar seringa, mantinham a mesma relação com a natureza e alguns continuavam a manter seu antigo modo de vida, iniciado nos seringais do Brasil. Eram brasileiros; mas, antes de ser brasileiros, eram trabalhadores seringueiros. Observe-se a fala do senhor Raimundo Nonato:

O sonho da gente meu amigo se acaba por aqui, se for pra tirar a gente daqui, praticamente, não só o meu que ainda sou um pouco novo, mas o que eu sei é trabalhar no mato, é plantar um roçado, cortar uma seringa, abrir um roçado, é isso que a gente sabe fazer.

Nessa fala o sujeito apresenta-se como ele é a partir da sua concepção. Ele é o que sabe fazer e seus sonhos só se mantêm quando ele consegue continuar a fazer o que sabe, e o que ele sabe é cortar seringa, trabalhar na roça e é com isso que mantêm sua família. Mas apesar disso, em suas falas, recorrem a políticos brasileiros para resolver os seus problemas lá dentro da Bolívia. Observe-se outra parte de seu depoimento:

Se o presidente não agir, se os políticos não agir com mais pressa, isso aqui praticamente vai ter uma guerra meu irmão. Porque como é que nós vamos sair daqui? A gente tem conversado já sobre isso, nós tem conversado, nós não tem outra escolha. Vão chegar aqui pra nós tirar as coisas de um dia pro outro. Vamo ter que reunir e se valer di que nós tem, nós não tem outra escolha, nós não tem outra escolha.

O senhor Raimundo Nonato coloca-se como pertencente a um grupo de pessoas que irão lutar pela permanência na Bolívia. Homens e mulheres que entendem que o presidente e os políticos brasileiros têm responsabilidade em relação a eles, por serem seringueiros brasileiros numa fronteira proibida para estrangeiros. Surge partindo dessas reflexões, além dos questionamentos já mencionados, o interesse em discutir até que ponto atualmente o Brasil representa a idéia de “nação” ou “pátria” na fronteira.

⁵¹ Essa observação é feita por José Sávio da Costa Maia (2002) em sua dissertação de mestrado intitulada “*Seringueiros brasileiros e suas travessias para a Bolívia: a formação de novos modos de vida num espaço de litígios*”.

Mas, imaginando que a fronteira boliviana fosse a fronteira norte-americana, será que eles diriam com tanto orgulho que são brasileiros? Será que não lutariam por uma cidadania americana? Ao meu entender, além de um sentimento nacional existe uma necessidade de se criar estratégias de sobrevivência e uma delas é estar do lado mais forte, é se diferenciar do que consideram inferiores ou motivo de vergonha. Nesse sentido ser brasileiro em relação à Bolívia é motivo de orgulho, de superioridade já que no caso o Brasil representa a economia mais forte, o país do futebol e na luta pelo território acreano saiu-se vencedor.

Além desses fatores de distinção criados por um discurso modernizador que foi passado de pai para filho e inculcado na mentalidade de homens e mulheres pela sociedade, há também a auto-identificação a partir da *língua materna falada*. A língua é outro objeto discursivo de diferenciação e superioridade que faz parte dos critérios básicos utilizados como referência de localização cultural e social. Um exemplo disso é que hoje, em todos os países, o domínio da língua inglesa é referência de superioridade e integração no mundo globalizado.

Esse é um dado importante pelo fato de que na maioria dos casos de trabalhadores que se deslocam para as áreas de fronteira do Brasil com outros países, acabam incorporando outra língua, diferente da língua materna, por manter um constante contato com outros sujeitos como, por exemplo, paraguaios, venezuelanos etc. Isso não significa dizer que pelo fato de terem contato com línguas diferentes, esses sujeitos neguem a sua ou a coloquem em pé de igualdade.

Especificamente no caso dos sujeitos mencionados nessa pesquisa, a língua falada na Bolívia só faz parte da vida deles quando se dirigem a Cobija ou recebem visitas de soldados bolivianos. Não falam a língua “espanhola da Bolívia”, mas a compreendem pela semelhança com a língua portuguesa. Logo, a língua se torna para esses trabalhadores critério de diferenciação e, mais ainda, de superioridade, pois *ser boliviano é ser inferior, logo a língua espanhola não simboliza um aspecto de superioridade (como é o caso da língua inglesa)*.

Sobretudo é no aspecto social que se vê um maior índice de problemas para localização ou mesmo identificação nacional; pois, mesmo tendo as prerrogativas acima, os brasileiros da fronteira boliviana não são na prática reconhecidos como cidadãos. Muitos não têm nem documento de identificação como RG e CPF. Além disso, a luta por aposentadoria só é possível, nesse caso, aos

poucos que se filiam - e que se mantêm regularizados com suas mensalidades - ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia ou de qualquer outro município da fronteira. Para aqueles que perderam seus documentos, ou mesmo nunca os tiraram, é praticamente impossível.

Fica difícil discutir os conceitos de nação e nacionalidade nos moldes da modernidade, no caso dos seringueiros brasileiros da área de fronteira entre Acre e Pando, pelo fato de concordar com Eric Hobsbawm quando diz que:

A “nação” pertence exclusivamente a um período particular e historicamente recente. Ela é uma entidade social apenas quando relacionada a uma certa forma de Estado Territorial Moderno, o “estado-nação”: e não faz sentido discutir nação e nacionalidade fora desta relação. [...] o nacionalismo vem antes da nação. As nações não formam os nacionalismos, mas sim o oposto [...] As nações e seus fenômenos associados devem, portanto, ser analisados em termos das condições econômicas, administrativas, técnicas, políticas e outras exigências [...] Não podemos presumir que, para a maioria das pessoas, a identificação nacional – quando existe – exclui ou é sempre superior ao restante do conjunto de identificações que constituem o ser social. Na verdade a identificação nacional é sempre combinada com identificações de outro tipo, mesmo quando possa ser sentida como superior às outras.⁵²

Partindo da reflexão proposta por Eric Hobsbawm (1990) e pelos depoimentos orais, nem o Brasil nem a Bolívia podem ser considerados na prática nações desses sujeitos. Primeiro, pelo fato de que a nação, como Estado-Nação, entendida no sentido moderno da palavra, não faz parte do entendimento desses sujeitos e só se torna importante na vida desses seringueiros quando deparados com o outro, o boliviano no caso. Ainda concordo com Hobsbawm quando afirma que as noções de nação moderna não satisfazem:

[...] por essa razão as nações são, do meu ponto de vista, fenômenos duais, construídos essencialmente pelo alto, mas que, no entanto, não podem ser compreendidas sem ser compreendidas sem ser analisadas de baixo, ou seja, em termos das suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns, as quais não são necessariamente nacionais e menos ainda nacionalistas [...] essa visão de baixo, isto é, a nação vista não por governos, porta-vozes ou ativistas de movimentos nacionais (ou não nacionais), mas sim pelas pessoas comuns que são o objeto de sua ação e propaganda, é extremamente difícil de ser descoberta.⁵³

⁵² HOBBSAWM, Eric. Nações e Nacionalismo desde 1780; tradução Maria Célia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.19.

⁵³ Idem.

Como pode ser observado, são várias as razões para limitar a discussão sobre a nacionalidade desses sujeitos num nível de brasilidade. Em primeiro lugar gostaria de enumerar alguns fatores que condicionam uma afirmação nacional na área daquela fronteira. O primeiro ponto observado é que é importante afirmar-se como brasileiro, pois o viver nessa área da fronteira, com constantes conflitos pela posse da terra, requer a busca de ajuda de instituições como o Incra, o Sindicato e vários outros, e a nacionalidade entra como ponto fundamental para a exigência de responsabilidades dos órgãos do Estado.

Um segundo fator importante é que a Bolívia tem sido palco de grandes problemas políticos internos e externos, fragilizando ainda mais as relações com o Brasil, intensificados com a vitória de Evo Morales para a presidência da República boliviana. Suas medidas políticas estão diretamente ligadas à promessa eleitoral de reforma agrária, interferindo de forma violenta na vida dos estrangeiros que vivem e ocupam terras na Bolívia, grupo no qual os seringueiros estão inseridos. Além disso, conflitos pela posse da terra entre brasileiros e bolivianos ainda existem e pode-se dizer que sempre existirá “nessa e em outras fronteiras”, por ser um espaço do encontro de grande diversidade de pensamento, culturas, tradições e visões de mundo.

Entendo que, a partir das observações mencionadas acima, nação é diferente de pátria, pois seus significados mudam conforme a forma como a idéia que se tem sobre elas se materializa na linguagem falada por eles. É importante salientar a diferença de significado da palavra partindo do contexto, conforme afirma Hobsbawm (1990)

“Antes de 1884, a palavra *nación* significava simplesmente “o agregado de habitantes de uma província, de um país ou de um reino” e também “um estrangeiro”. Mas agora era dada como “um Estado ou corpo político que reconhece um centro supremo de governo comum” e também o território constituído por esse Estado e seus habitantes, considerados como um todo – e, portanto, o elemento de um Estado comum e supremo é central a tais definições. [...] No Dicionário da Academia Espanhola, a versão final de “nação” não é encontrada até 1925, quando é descrita como “a coletividade de pessoas que têm a mesma origem étnica e, em geral, falam a mesma língua e possuem uma tradição comum” [...] *Gobierno*, o governo, não foi, portanto, ligado ao conceito de *nación* até 1884. Na verdade, como a filologia poderia sugerir, o primeiro significado da palavra ‘nação’ indica origem e descendência.

Assim, antes de tudo, a “nação” é um discurso, produzido por uma classe social com interesses políticos específicos. O conceito moderno de nação é uma farsa, um plano falido pela lógica do mundo globalizado e fragmentado. Pode-se dizer que os brasileiros seringueiros fazem parte da nação brasileira por serem descendentes de brasileiros ou por terem nascido no Brasil. Mas na perspectiva moderna, principalmente no século XX, a palavra nação não representa, na prática, lugar de identificação ou de pertencimento de pessoas que não podem ser reconhecidamente cidadãos pelas leis do Estado-Nação.

Talvez fosse melhor que não fossem brasileiros lá na Bolívia, pois assim não estariam sofrendo esse processo de expropriação da terra e dos sonhos. Veja como a fala da senhora Maria Lima é contraditória:

Eu gosto daqui muito mesmo, graças a Deus eu acho muito bom a Bolívia. Eu vivo comendo do que eu crio, eu crio porco, eu crio ovelha, tem uma ovelha aí, eu crio porco, eu crio galinha pra mim comer, que eu não vendo galinha aqui. Se fosse pra tirar nós daqui levar nós pro outro lado né, que é Brasil. Quem tem muita terra aqui é fazendeiro, muita terra os fazendeiros, dá pra dividir a terra com nós né, que nós não tem.

A dona Maria foi perguntada para onde iria se tivesse que sair da Bolívia, logo ela respondeu que para o Brasil, mas em seguida forja como alternativa a continuidade pela divisão das fazendas, da terra dos fazendeiros. Isso leva a crer que, apesar de se reconhecer como brasileira, o mais importante é a terra e não o país. A nação entendida por essas pessoas só existe em suas mentes, nos discursos políticos ou nos Dicionários que servem de fontes para estudar a origem das palavras. Na prática, *não há nação*, não habitam nessa suposta nação e sua *pátria é o lugar nem-um e nem-outro*⁵⁴, o lugar da intimidade com a floresta é verdade, mas um lugar que não é seu e do qual podem ser expulsos a qualquer momento para outro *lugar nenhum*.

A existência de brasileiros há pelo menos 50 anos trabalhando no corte da seringa e na coleta da castanha na fronteira da Bolívia com o Brasil é evidente não apenas em relatórios⁵⁵ da Igreja Católica e da Assembléia Legislativa do Acre, mas principalmente pelo acesso a depoimentos. É possível encontrar essas pessoas

⁵⁴ Op. Cit., 2005.

⁵⁵ Os relatórios são: o elaborado pela Diocese de Rio Branco e Vicariato de Pando; e segundo é um elaborado pela Comissão de Parlamentares da Assembléia Legislativa do Estado Acre, já citados anteriormente.

em hospitais, em praças, no Sindicato, nos mais variados espaços em suas idas e vindas entre as cidades do Acre, principalmente do Alto Acre.

Apesar disso, foi a partir de 2005 que a promessa de expulsão desses seringueiros pelo governo boliviano se tornou uma realidade. Desde que o presidente Evo Morales foi eleito, em 2005, que um projeto de nacionalização das terras bolivianas foi colocado em prática.

Evidentemente as decisões políticas do governo boliviano não afetaram somente os seringueiros, mas também sojicultores arrendatários que foram acusados de exercer atividades consideradas ilegais para os estrangeiros naquele país. Como pode ser observado no site Notícias da Terra⁵⁶ de 8 de maio de 2006, especificamente na fala do senhor Hugo Salvatierra, ministro do Desenvolvimento Rural, Agropecuário e Meio Ambiente da Bolívia, em entrevista ao jornal folha de São Paulo:

Os brasileiros estão na Bolívia de duas formas: como sojicultores arrendatários no interior do país, muitas vezes em situação fundiária irregular, e exercendo diversas atividades ilegais na fronteira, como extração de madeira, borracha e castanha ou operando mineradoras.

Por essa fala pode ser observado que existem pelo menos três categorias de trabalhadores brasileiros que correm risco de serem expropriados na Bolívia: os sojicultores, os extratores (de madeira, borracha e castanha) e os operadores de minério. Mas destes três grupos, interessam nesse trabalho os extratores de madeira, borracha e castanha. Os sojicultores brasileiros são alvos de maiores preocupações do governo boliviano pelo simples fato de produzirem 35% da soja boliviana e a expropriação das terras ocupadas por eles geraria ao governo boliviano a recuperação de aproximadamente 11 a 14 milhões de hectares de terra.

Os seringueiros brasileiros que estão localizados na área dos 50 km⁵⁷ de fronteira, representam cerca de 15 mil pessoas que sobrevivem ainda do corte da seringa, coleta da castanha e também da atividade de extração de madeira. Principalmente sofrem pressão os brasileiros da região de Riberalta e da fronteira com Capixaba que há alguns anos estão em conflito com camponeses bolivianos que exigem sua saída. Já foi mencionado anteriormente que o motivo dos conflitos

⁵⁶ Site <http://www.noticias.terra.com.br/brasil/interna/>

⁵⁷ De acordo com a Constituição boliviana é proibida a permanência de estrangeiros na faixa de 50 quilômetros da fronteira boliviana.

deve-se, principalmente, ao fato de que os brasileiros competem com os bolivianos na venda da castanha para as indústrias de beneficiamento tanto do Brasil quanto da Bolívia. Essas gentes vivem um momento complicado, pois enquanto na Bolívia se tem uma idéia do que acontecerá, no Brasil, as circunstâncias são diferentes.

Em março de 2007, uma Medida Provisória, proposta pelo Deputado Federal Nilson Mourão, foi aprovada e sancionada pelo Presidente da República do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva. O objetivo desse documento foi abrir crédito em favor do Ministério das Relações Exteriores e, com isso, fortalecer as relações internacionais com a Bolívia, por algum tempo, em favor dos trabalhadores da área de fronteira entre Acre e Pando, como consta:

Trata-se de medida de fortalecimento da cooperação bilateral com a Bolívia, especialmente na área de desenvolvimento agrário e de agricultura familiar (...) e, ao mesmo tempo, de viabilizar a regularização migratória e fundiária e a sustentabilidade de famílias brasileiras que se dedicam a atividades extrativistas e à pequena agricultura em território boliviano, na faixa de fronteira com o Estado do Acre.⁵⁸

Essa medida é resultado da necessidade de transferir para a Bolívia um problema que não é novo no Brasil, a questão da Reforma Agrária, que vem sendo adiada há décadas pelo governo brasileiro. Até o mês de setembro de 2007, os trabalhadores brasileiros em condição ilegal dentro da Bolívia e os que vivem na área de 50 km da fronteira deveriam ter saído, mas até meados de dezembro de 2008 ainda permaneciam lá. Segundo informações obtidas através do presidente do STR/Brasiléia, Rosildo Rodrigues de Freitas, as forças políticas acreanas e as forças sindicais estariam discutindo o destino do dinheiro aprovado na Medida Provisória nº 354, para “ser melhor aproveitado em prol dos trabalhadores seringueiros sem terra no Brasil e na Bolívia”.

Apesar de todas as “providências” que vêm sendo discutidas pelo governo brasileiro em conjunto com o governo boliviano, a situação dos seringueiros continua a mesma depois de aproximadamente um ano da publicação da Medida Provisória. Uma situação previsível, tendo em vista a clareza de intenções do governo brasileiro

⁵⁸ Medida Provisória nº. 354, publicada no Diário Oficial da União de 23 de Janeiro de 2007. Objetivo: Abertura de crédito extraordinário, em favor do Ministério das Relações Exteriores, no valor de R\$ 20.000.000,00 (vinte milhões de reais), para relações e negociações com os países-membros do Mercado Comum do Sul – MERCOSUL e Associados.

com relação aos possíveis transtornos provocados pela vinda dos seringueiros para o território brasileiro, conforme consta na MP:

A relevância e urgência desta proposição justificam-se pelo grande potencial de tensões que se criaram na fronteira com o desalojamento intempestivo de centenas de famílias brasileiras e a falta de alternativas viáveis para sua reocupação socioeconômica no Brasil. Ademais, o retorno forçado dessas famílias implicaria pressão adicional sobre os programas de assentamento agrário e sobre os serviços sociais nos Estados do Acre, de Rondônia e do Amazonas.⁵⁹

Pode-se concluir a partir do fragmento acima que a realidade vivida pelos seringueiros e demais segmentos de trabalhadores é algo analisado pelos representantes do governo como um problema que poderia ser remediado pelos próprios trabalhadores, já que “o desalojamento foi intempestivo”. Principalmente pelo fato de que não há no Brasil “alternativas viáveis para a recuperação sócio-econômica”. Esse discurso dá a entender que os Projetos de Assentamento no Acre estão repletos de famílias.

Todavia, ao visitar o Projeto de Assentamento da Alcoobrás⁶⁰, pode ser verificado que há grande quantidade de famílias que abandonaram as terras e foram para as cidades, por não terem as condições básicas para se alimentarem enquanto plantam e esperam a época da colheita. Fora esse aspecto, ainda existem reclamações dos seringueiros acerca da ajuda técnica para a agricultura.

Enquanto o governo brasileiro se preocupa em viabilizar maneiras de fazer com que esses trabalhadores não venham para o Brasil, o governo boliviano está preocupado em dar as terras da fronteira - que estão sendo ocupadas por brasileiros - para grupos indígenas bolivianos e trabalhadores sem-terra que tenham o interesse em morar e trabalhar nelas.

É partindo desse jogo de “empurra e empurra” entre Brasil e Bolívia que aparecem as evidências de que esses sujeitos estão sem lugar, sem terra. Não têm respaldo jurídico para lutarem por seus direitos devido à falta de documentos comprovando que nasceram na Bolívia; pois, como foi visto anteriormente, seus registros foram feitos no Brasil. Além desse problema, acrescenta-se o fato de que na maioria dos casos não têm documentos comprobatórios de que são seringueiros.

⁵⁹ Idem, 2007.

⁶⁰ Alcoobrás é um Projeto de Assentamento localizado em Capixaba.

Segundo alguns relatos, muitos dependiam da carteira de Associação ou do Sindicato para provarem que eram seringueiros, os que não eram associados eram automaticamente excluídos.

Ao buscar a compreensão do entendimento que eles têm sobre sua localização territorial, a partir de suas falas, pude perceber que mostram ter consciência de que a terra boliviana é apenas “emprestada” e de que há o reconhecimento de um lugar de origem que representa um tipo de pertencimento que vem pelo nascimento ou pela descendência dos pais, em determinados momentos é o Brasil e em outros é a Bolívia, de acordo com as circunstâncias que lhes convêm.

Mas qualquer que seja esse lugar, não é simplesmente o local onde nasceu, mas também aquele que é referência de cultura e língua. Mesmos os nascidos na Bolívia e que ainda permanecem lá dizem que são brasileiros por falarem o português e pelos costumes que são diferentes. Utilizam o argumento de que até o fato de serem seringueiros os diferencia, pois os bolivianos não cortam seringa. Entretanto, ao se tratar da necessidade de comprovar que nasceu em terra boliviana para ser inserido na lista daqueles que precisam de um pedaço de terra no Brasil, esses trabalhadores começam a trazer filhos e filhas, maridos e esposas, pais e mães, para provar que lá nasceram.

Ao meu entender, acima de um sentimento nacional existe a necessidade de se criarem estratégias de sobrevivência, e uma delas é estar do lado mais forte, e aqui no caso é motivo de orgulho ser brasileiro e não boliviano. Isso em detrimento de vários fatores, tanto econômicos quanto culturais.

No entanto, ao se perguntar para onde ir ao sair das terras bolivianas, a resposta hegemônica é “não sei”, ou “não sabemos”. Alguns afirmam que voltarão para o Brasil, mas quanto ao lugar, a terra propriamente dita, o espaço do trabalho, da produção e da manutenção, não se sabe dizer, e a angústia é notável em seus olhares.

Não possuem lugar de direito no Brasil e nem na Bolívia, serão alojados onde um dos governos decidirem. Esse dado é evidenciado através da matéria do site de notícias Agência Brasil, intitulada: **Incra no Acre elabora plano para assentar agricultores brasileiros da fronteira boliviana**, publicada no dia 15 de outubro de 2007 que diz o seguinte:

[...] Como o quadro se aguçou antes de concluirmos qualquer desapropriação e muitas famílias já estão acampadas em Brasiléia, temos a opção emergencial de levá-las para o município de Lábria, no sul do Amazonas”, diz o superintendente do Incra. Segundo ele, a área amazonense está em meio a floresta e é muito grande, **ideal** para abrigar famílias que se dedicam ao extrativismo. A opção seria emergencial, por serem áreas griladas, poderiam ser mais rapidamente desapropriadas. Outra alternativa, de acordo com Cardoso, seria obter terras no próprio Acre, o que demoraria mais.

Essa matéria é importante, pois mostra a contraposição com a informação que obtive no Incra em Brasiléia. De acordo com o chefe substituto, há pelo menos 9 anos não acontece desapropriação de terra naquela região e não sabia dizer nada sobre planos para o assentamento dessas famílias.

Apesar disso, a partir do fragmento acima, é possível verificar que existe um discurso ligado ao governo brasileiro de que medidas emergenciais serão feitas por parte dele para resolver a situação dos trabalhadores seringueiros que ocuparam o Incra de Brasiléia, já que os R\$20.000.000,00 (vinte milhões de reais) não resolveram o problema.

Desde 1991 vem sendo feito o acompanhamento e denúncias da situação desses seringueiros em território boliviano, entretanto as medidas são emergenciais e sem planejamento. Foram pelo menos 15 anos que o governo brasileiro teve para conhecer essas pessoas e planejar - consultando os principais interessados, os seringueiros brasileiros - uma forma de resolver a falta de terra e qual o local ideal para essas pessoas.

De concreto até agora se tem o fato de que o assentamento desses sujeitos faz parte de um discurso cheio de promessas sem que possa ser vista na prática alguma alternativa. A preocupação do governo brasileiro é de manter essas pessoas dentro da área de fronteira com a Bolívia. Essa preocupação apenas deixa mais evidente que não existe um lugar, talvez seja forjado um espaço, que o Incra considera “**ideal**”, o município de Lábrea no sul do Amazonas.

O termo *ideal nos remete* à pergunta: Ideal para quem? Para os homens e mulheres que vão deixar para trás suas benfeitorias, já que só poderão levar o que o corpo agüenta carregar? Isso faz lembrar fugas dos seringais no tempo dos patrões! Em cada árvore plantada, tábuas pregadas, casa construída, que permanecem na Bolívia, estarão presentes os sonhos, os anos de vida de trabalho e a desilusão de não ter uma terra.

A partir da compreensão obtida na análise dos vários depoimentos, pode-se dizer que a ida para o Brasil tem uma conotação negativa, pois se mostra como o último recurso. Não têm para onde ir, pois a Bolívia não os aceita, e, a partir dessa realidade, curvar-se às leis bolivianas e à impossibilidade de escolher o destino traçado por seu próprio desejo, parece ser o resultado ao final das negociações entre os dois países. O desejo de *ter* e não de *apenas estar* temporariamente num lugar parece um sonho distante de ser realizado.

Há o desejo pela terra e isso é real. Não uma terra qualquer, mas aquela de seus sonhos, dos desejos mais escondidos pela vergonha de falar. Aquela que é sua, que ninguém vai tomar, que pode ser deixada para os filhos como herança. A terra das suas criações, do seu roçado, das estradas de seringa já exploradas, dos vizinhos já conhecidos, do papagaio de estimação, da tranquilidade de um tempo que não exige o relógio como manipulador; dos rios e igarapés que fazem parte daquele local.

No documentário *La rota del Pacífico*, pude observar a fala do senhor Azaria Severino, que enquanto trabalhava numa casa de farinha foi chamado para dar seu depoimento. Ao falar, demonstrava em gestos faciais a tristeza e a sensação de insegurança de quem está sendo expulso e não tem para onde ir:

[...] oh eles chegaram, eu tava ali, encontrei, procuravam documento, pegaram todos os meus dados e falaram que eu tinha que me arretirá daqui da Bolívia a prazo de quinze dias. Procurei indenização, nada de indenização, o que tinha que ficar aqui era pro estado.⁶¹

Várias pessoas estavam presentes na colocação que foi visitada pela equipe que filmava. Homens, mulheres e crianças dividiam os afazeres num dia normal. Mas, ao começar a fala, o senhor Azaria transmitia a sensação dos que partilhavam da mesma sorte, a de não ter terra, um espaço real, e não apenas simbólico.

Tanto o território brasileiro quanto o território boliviano, representados por seus governos, não têm contribuído com a melhoria da realidade social dessas gentes, pelo menos não na ótica de melhoria desejada por essas pessoas. As soluções “viáveis” partem de um olhar externo, o olhar de quem está de fora, alguém que está no espaço macro.

⁶¹ Idem, 2007

Não é de agora a negligência do estado brasileiro com relação aos seringueiros que vivem na Bolívia. Há algum tempo já foi mostrado que, por morarem em território considerado “estrangeiro”, desobrigam o Estado Brasileiro de prestar as assistências necessárias. Pode ser verificado, ainda, conforme (MAIA, 2002), que o território boliviano, representado pelos órgãos políticos, também não os assiste. Observe-se seu comentário:

O governo boliviano, da mesma forma não se vê obrigado a prestar nenhum tipo de assistência, pois não tem obrigações com os estrangeiros que, para todos os efeitos, estão ilegalmente ocupando seus espaços territoriais.

O governo boliviano não tem a obrigação legal de resolver o problema dos seringueiros, mas o governo brasileiro diz estar tentando uma parceria que resolva essa situação. Observe-se o que foi publicado na Divisão de Atos Internacionais do dia 18 de julho de 2008, referente à visita de trabalho do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Bolívia, na cidade de Riberalta:

Ambos os presidentes ratificaram seu firme compromisso de continuar trabalhando em uma agenda que reflita a importância que atribuem ao desenvolvimento social e econômico de seus povos, em um contexto de paz, solidariedade, complementaridade, democracia, justiça social e respeito ao meio ambiente, como uma contribuição para integração sul-americana. Nesse contexto, reiteraram a necessidade de seguir aprofundando e ampliando a cooperação bilateral para assegurar a integração social, a integração energética, a integração física, o desenvolvimento fronteiriço, a complementação econômica, o intercâmbio de experiências e conhecimentos, e a utilização racional dos recursos naturais no contexto do respeito à harmonia entre o homem e a natureza. Da mesma forma, destacaram que é fundamental o respeito à vontade de nossos povos que se expressa pelo voto, no âmbito de uma maior inclusão social e do aprofundamento da democracia⁶².

A partir do discurso de integração entre Brasil e Bolívia promovido pelos dois presidentes, pode ser verificado que a idéia de cooperação bilateral é composta também por desenvolvimento fronteiriço. Na Declaração de Riberalta, a noção de integração entre os dois países parece limitar-se à ligação dos dois territórios através da construção de uma ponte internacional sobre o rio Rapirrá. O governo brasileiro ficaria responsável pela construção que serviria de via de ligação entre Plácido de Castro no Brasil e Montevideu na Bolívia.

⁶² Site <http://www2.mre.gov.br/>

Em relação às famílias de seringueiros que vivem na área de fronteira, a recomendação está no item 13 da Declaração que diz o seguinte:

Com relação aos assentamentos das famílias brasileiras na zona fronteiriça do Departamento de Pando, coincidiram na necessidade de avançar os entendimentos, tomando em consideração a proposta apresentada pelo Governo da Bolívia em 29 de maio de 2008, que se encontra sob análise do Brasil.

Tanto na Declaração de Riberalta em 18 de julho de 2008 quanto na Proposta do Governo Boliviano de 29 de maio do mesmo ano, redigida no documento intitulado Instrumento executivo entre o governo da República Federativa do Brasil, o Governo da República da Bolívia e o escritório regional para o cone sul da Organização Internacional para as Migrações (OIM), a situação das famílias dos seringueiros ainda é indefinida. Vejam-se alguns trechos de parágrafos do documento:

O Escritório Regional para o Cone Sul da OIM, também em coordenação com os Governos da Bolívia e do Brasil, consultará as famílias brasileiras fixadas na região sobre o interesse de se transferirem para as áreas a serem destinadas àquelas unidades. As que concordarem com a transferência permanecerão onde se encontram até que a mesma se efetive. Com a assistência do Escritório Regional para o Cone Sul da OIM, os Governos da Bolívia e do Brasil discutirão formas de solução humanitária com respeito à que não optem pela transferência, de maneira que se garanta o abandono das terras que, segundo a Constituição Política do Estado da Bolívia, não podem ser ocupadas por estrangeiros⁶³.

Esse documento traz 17 parágrafos, todos referentes à situação dos seringueiros brasileiros da área de fronteira. Dá a entender em alguns trechos que o Brasil deverá fornecer a quantia de US\$10.256.410,25 (dez milhões, duzentos e cinqüenta e seis mil quatrocentos e dez dólares norte-americanos e vinte e cinco cêntimos), como um recurso que será destinado ao governo boliviano para a implementação de projetos destinados à “ocupação econômica de cidadãos brasileiros que devam retirar-se de terras que hoje ocupam na faixa de fronteira entre a Província de Abunã (...) e o Estado do Acre (...). Mas não para por aí, mais à frente é mencionado que “também os nacionais bolivianos poderão beneficiar-se dos referidos projetos.

⁶³<http://www.abdir.com.br/legislacao/>, 2008.

O que poder ser entendido disso tudo é que o Brasil consegue se livrar da responsabilidade de trazer de volta para cá as famílias de seringueiros, pagando a quantia pedida, e o governo boliviano desocupa as terras da fronteira e se beneficia dos projetos para assentar também os camponeses e indígenas bolivianos que se interessem.

Enquanto isso não acontece, aqueles seringueiros brasileiros que concordarem permanecem nas terras da fronteira até serem deslocados para o que foi denominado de unidades produtivas, ou seja, “agrovilas” e sistemas agropecuários com moradias, infra-estrutura básica e capacidade de produção em áreas designadas pelo governo boliviano no Departamento de Pando. Aqueles seringueiros que não concordarem terão que procurar outras opções, ou seja, deverão sair de qualquer maneira.

Quanto ao que construíram, ficará tudo para o Estado, não haverá indenizações, e deverão ir em busca de melhores condições de vida em outro espaço, mas a fronteira deverá ser desocupada, esse ponto parece ser inegociável.

Mas interessa salientar que esse processo de assentamento num espaço idealizado, onde estarão convivendo brasileiros e bolivianos nos projetos de assentamento, acarretará vários problemas. Primeiro pelo tempo que levarão para se adaptar às novas condições de vida, pois ao que tudo indica irão trabalhar com agricultura e não mais com o corte da seringa e a coleta da castanha. Há grandes possibilidades de não se adaptarem já que essa tentativa vem sendo feita no Brasil, tanto no município de Brasiléia quanto no município de Rio Branco no Acre.

Isso se deve ao fato de que a maioria das pessoas que serão deslocadas passaram a maior parte de suas vidas trabalhando como seringueiros e não como agricultores. Deverão passar por outro aprendizado e iniciar um novo processo de incorporação de saberes e técnicas. Outro fator importante a ser considerado é que a convivência entre brasileiros e bolivianos não será algo novo, ela já existe na fronteira e não é amigável. Os brasileiros serão sempre considerados estrangeiros tomando um espaço que deveria ser dos camponeses bolivianos.

Aos que decidirem não concordar com os termos bolivianos restar-lhes-á serem levados para o Brasil. Possivelmente serão depositados em qualquer espaço considerado pelo Estado brasileiro como ideal. Um espaço de estranhamento, ou seja, mesmo que seja floresta, tendo árvores, essas pessoas conseguirão sobreviver dignamente? E as relações construídas durante os anos que viveram na Bolívia?

Como ficam suas *benfeitorias*⁶⁴, a casa construída por suas mãos e a afetividade própria do lugar que lhe é familiar: a floresta boliviana e não a amazonense ou a acreana? As relações pessoais construídas historicamente são rompidas pelo distanciamento na substituição do *lugar* pelo *espaço*⁶⁵. Além dessas relações, ainda se têm as relações de trabalho forjadas na luta pela sobrevivência, ultrapassando os limites da extração do látex. Todos esses problemas e muitos outros estarão permeando a história das trajetórias desses sujeitos.

Nos dois casos, tanto os que ficarem na Bolívia quanto os que voltarem para o Brasil sofrerão novamente um processo de deslocamento que trará consigo mais um momento de fragmentação desses sujeitos, de incorporação de novas identidades e da formação de outro modo de vida, transformando-os mais uma vez.

⁶⁴ Benfeitorias são todas as coisas construídas no lugar de moradia, plantações, criações e etc.

⁶⁵ CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimento. Papirus, Campinas, 5ª ed., 2003

CAPÍTULO III

DE “BRASIVIANO” NA FRONTEIRA A “BISCATEIRO” NA CIDADE

Durante as décadas 1970-80, dois grupos de seringueiros distinguem-se pela diferença de posições quanto ao desfecho dos acontecimentos ocorridos no Acre com a chegada da frente pecuarista. O primeiro grupo decidiu se organizar e lutar para permanecer nos seringais de Brasiléia, Sena Madureira, Xapuri, entre outros, já o segundo grupo, uma quantidade substancial de seringueiros, saiu dos seringais do Acre, em especial aqueles localizados na área de fronteira com o Departamento de Pando, para trabalhar nos seringais da Bolívia.

Mas interessa neste capítulo tratar de um terceiro grupo. Desse grupo fazem parte homens, mulheres e crianças que se deslocaram tanto de seringais do Brasil quanto dos seringais bolivianos para as cidades do Acre. Esse grupo foi responsável por grandes transformações, pois, com os deslocamentos, houve crescimento no número de habitantes e em decorrência disso as cidades começaram a crescer em extensão e densidade populacional, com a constituição de novos bairros, provenientes do processo de ocupação de terras “urbanas”.

Um trabalho importante que trata desse processo foi desenvolvido na tese⁶⁶ de doutoramento do professor Airton Chaves da Rocha⁶⁷, que estuda, dentre outros aspectos da história dos seringueiros que se deslocaram dos seringais para a cidade, a constituição dos bairros “periféricos”⁶⁸ da cidade de Rio Branco entre os anos de 1972 e 1973 e das transformações urbanas advindas com a chegada de grande quantidade de famílias seringueiras durante a década de 1970.

Um exemplo dado pelo historiador Airton Chaves da Rocha foi o surgimento do bairro Estação Experimental em Rio Branco:

O Bairro Estação Experimental é caracterizado como um dos primeiros da capital a ser formado por seringueiros, a partir do início da década de 70. O local, como disse Godim, não ofereceu, no período citado,

⁶⁶ ROCHA, Airton Chaves da. A Reinvenção e Representação do Seringueiro da Cidade de Rio Branco – Acre (1971-1996). Tese de Doutorado, PUC – SP, 2006.

⁶⁷ Professor Doutor em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Acre.

⁶⁸ Essa terminologia foi desenvolvida para distinguir os bairros que ficam perto do centro daqueles que ficam distantes, mas também trazem significado de distinção de classe, ricos no centro e pobres na periferia. Não concordo com a terminologia, já que no Acre, ricos e pobres compartilham do mesmo espaço, diferentemente de grandes centros como é o caso da cidade de São Paulo.

as mínimas condições de uma vida digna, por isso ele afirmou que ninguém queria morar no local, indo para lá quem “tinha muita necessidade de morar aqui na cidade e nós, que era oriundo do seringal, não tinha onde morar, viemos prá cá”. Essa fala caracteriza bem onde foram morar muitos dos migrantes da floresta quando chegaram em Rio Branco: em locais distantes do centro da cidade, sem infra-estrutura urbana, em áreas até então desvalorizadas pela especulação imobiliária.⁶⁹

Um exemplo do efeito desse deslocamento em massa para os municípios do Acre é a cidade de Rio Branco, que na década de 1970 tinha 35 mil habitantes e hoje tem aproximadamente 250 mil. Rio Branco foi a cidade que mais recebeu pessoas vindas dos seringais nessa época.

Bairros como Cidade Nova, Baía, Palheiral, Estação Experimental, dentre outros, surgiram a partir desse processo. Segundo Rocha, os seringueiros desenvolveram diversas estratégias de sobrevivência na cidade. Tiveram que lutar por melhorias nos bairros recém-habitados, pois, a princípio, alguns não tinham energia elétrica, água e nem esgoto. Nesses casos, tinham que criar estratégias de sobrevivência a partir de hábitos que traziam dos seringais, como por exemplo, o uso da lamparina.

Parafraseando Rocha, esse processo é interessante por permitir compreender que a cidade e a floresta estão intrinsecamente ligadas no viver desses sujeitos. O espaço local era a cidade, mas os sentimentos desenvolvidos, a solidariedade entre os moradores, a organização dos grupos de seringueiros que lutavam pela melhoria dos bairros, a forma como eles ocupavam as terras não loteadas pelo governo mostram, a todo o momento, o modo de ser que constituíram no seu viver na floresta.

Além dessas questões, é possível ainda notar que a situação de quem se deslocou ou foi deslocado da floresta para a cidade, era de muitas dificuldades e se tornavam cada vez maiores à medida que o número de seringueiros e outros trabalhadores aí chegavam. Várias conseqüências foram sentidas pelos seringueiros nas cidades, principalmente a adaptação com o espaço de moradia e a distância da vizinhança.

Tendo em vista essas questões Rocha destaca que:

Os registros consultados evidenciam profundas alterações na estrutura familiar de pessoas que migraram da floresta para a cidade de Rio Branco (...). Nota-se que as relações familiares tradicionais vividas nos seringais sofreram, na dinâmica social do ritmo da cidade, significativas

⁶⁹ Op. Cit.

transformações. São vários os exemplos de desarticulação ou alteração nos modos de vida, gerando no núcleo familiar conflitos sociais e de valores, muitas vezes irreversíveis⁷⁰.

Vários problemas surgiram com os deslocamentos de seringueiros para as cidades de Rio Branco, Brasiléia, Plácido de Castro, Xapuri, Eptaciolândia e Capixaba. Nas entrevistas coletadas, pode ser percebido que o homem, para continuar a manter o lar, precisava conseguir emprego na cidade e as dificuldades eram mais acentuadas, e continua a ser complicado para quem se desloca de um lado para o outro. A falta das prerrogativas necessárias para a inserção no mercado de trabalho é um dos fatores complicadores para esses sujeitos. Em detrimento dessa situação, restava-lhes inserirem-se na economia informal e nesse caso a mulher obtinha mais facilidade em conseguir algum trabalho, principalmente como empregada doméstica, faxineira, lavadeira e babá.

Essas funções eram incorporadas pelas mulheres seringueiras com mais facilidade, pois as exigências para esses serviços baseavam-se na disposição para o trabalho e não dependiam de escolaridade. O impacto foi inevitável, o distanciamento da família durante horas fora de casa não era algo comum no cotidiano do seringal. As funções de faxineira e lavadeira também geraram mudança de vida em vários aspectos. No convívio familiar a mulher passou a dedicar menos tempo às tarefas de casa, ajudar, e muitas vezes manter, as despesas com alimentação.

Essa mudança acarretou diversos problemas, dentre eles de relação homem e mulher, já que no seringal, na maioria dos casos, o homem era o responsável por providenciar a carne de caça e trabalhar no roçado, e na cidade a necessidade faz com que ambos tenham que buscar dinheiro para poder sustentar a família. Independentemente de terem vindo da Bolívia ou de outros lugares, esses seringueiros passaram a ocupar espaços nas cidades.

Nas últimas décadas do século XX, já havia uma grande quantidade de bairros sem infra-estrutura nos municípios acreanos. Em Rio Branco, na década de 1990, a população urbana era de 258.520⁷¹ habitantes. Na mesma época surgiram bairros como José Hassen em Eptaciolândia e Leonardo Barbosa em Brasiléia, como resultado da chegada dos seringueiros que saíram dos seringais bolivianos.

⁷⁰ Idem, 2006.

⁷¹ IBGE. Censo de 1990.

A presença de seringueiros que saíram da Bolívia e de outras regiões nos bairros mais afastados do centro da cidade de Rio Branco é significativa, tanto na década de 1970 quanto nas décadas subseqüentes. Meu avô Argemiro Gomes Maia tem 86 anos, é aposentado como soldado da borracha, e deslocou-se de Tarauacá para Rio Branco em 1977, depois de alguns anos trabalhando como colono em uma pequena área de terra, foi morar no bairro João Eduardo, onde se podiam encontrar seringueiros que teriam vindo de várias regiões do estado do Acre.

Sobre o deslocamento dos seringueiros para a cidade de Rio Branco, na década de 1970, é possível destacar o livro *Aos Trancos e Barrancos*, de Domingos José de Almeida Neto⁷². Nesse trabalho, especificamente, o autor traz algumas reflexões sobre identidade e cultura, mas também sobre as mudanças no espaço urbano da cidade de Rio Branco e do surgimento de bairros sem planejamento nem infra-estrutura, e das dificuldades vivenciadas por essas gentes da floresta.

Contudo, Ayrton Rocha discorda do termo ex-seringueiro, que Domingos Almeida utiliza para identificar os homens e mulheres egressos dos seringais na década de 1970. Apesar de considerar os seringueiros que se deslocaram para as cidades do Acre, a partir da década de 1970, como sujeitos que sofrem um processo histórico diferenciado do vivido pelas duas gerações de seringueiros anteriores, considera que mesmo na cidade, num outro espaço que não é o seringal, não deixam de ser seringueiros, mas, além de ser seringueiro, constituem-se, também, num processo histórico, em colono, agricultor, castanheiro, dentre outros. Compartilho da observação feita por Rocha:

O termo seringueiro foi constituído e serve como referência para designar os trabalhadores que secularmente viveram ou ainda vivem na floresta amazônica. Podemos articular o passado no presente, atribuindo-lhe novos significados, mas sem negar a historicidade dos sujeitos históricos. A manutenção desse conceito com a carga de significados que ele possui é muito importante.⁷³

Em 2000 obtive informações de que encontraria seringueiros que haviam se deslocado da Bolívia para Rio Branco em alguns dos bairros mais recentes da cidade, mas em especial verifiquei três, o bairro Jorge Lavocat, Ayrton Sena e

⁷² ALMEIDA NETO, Domingos José de. *Aos Trancos e Barrancos – Identidade, Cultura e Resistência Seringueira na Periferia de Rio Branco – Ac (1970-1980)*, Ed. Edufac, 2004

⁷³ Idem, 2006, p. 39.

Plácido de Castro, os dois últimos localizados no final da estrada da Sobral. Esses bairros teriam se constituído rapidamente devido à grande quantidade de pessoas que vieram da floresta para a cidade no final da década de 1990.

Esse fenômeno social não acontece por acaso, aconteceu nas décadas de 1970 e 1990. Várias razões poderiam explicar a saída dos seringais para as cidades, mas importa especialmente entender que a cidade, por muitas vezes, é apenas mais um dos espaços de constante deslocamento. O que se percebe nas entrevistas e nos índices de idas e vindas de seringueiros entre a floresta e a cidade é que essa última é também local de transitoriedade. É um espaço que servirá por um determinado tempo, até que seja necessário novamente outro deslocamento em busca de sobrevivência.

Em vários depoimentos e conversas informais, pode-se identificar que a maioria dos seringueiros que vivem ou viveram na cidade, em algum momento, voltaram ao seringal de onde tinha saído em busca de trabalho na época da coleta da castanha ou mesmo para prestar serviços como derrubada, exercendo a função que eles identificaram como “peão de derrubada”. Muitos homens deixam suas famílias na cidade e voltam para trabalhar em fazendas, em seringais na Bolívia, dentre outros.

Esses sujeitos deram outra dimensão para as cidades do Acre e em especial para a cidade de Rio Branco. A cidade cresceu rapidamente para todos os lados e nesse processo os sujeitos passaram por transformações e criaram meios para sobreviver. Uma das alternativas foi aprender a fazer tudo que fosse possível a eles em relação a trabalho. Homens, mulheres, jovens e crianças passaram a viver de “bico” e serem denominados de “biscateiros”.

Segundo o que consta no Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa⁷⁴, a palavra que dá origem a “biscateiro” é “bico”, que, em 1899, significava dizer “trabalho de pouca monta”, ou seja, trabalho de pouca importância, de pouco custo. No entanto, no uso vulgar e na gíria, é sinônimo de meretriz, prostituta. Interessa, entretanto, analisar o termo “biscateiro” no contexto do seringueiros que, ao tentarem a vida na cidade, vendem sua força de trabalho aos poucos, vivem de biscates ou bicos, ou seja, pequenos serviços e afazeres que realizam para ganhar dinheiro.

⁷⁴ DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO NOVA FRONTEIRA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Antônio Geraldo da Cunha; assistentes: Cláudio Mello Sobrinho [et. Al.]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Numa linguagem mais popular, não vulgar, biscateiro é alguém que é pobre, não tem emprego fixo e vive fazendo o que aparece, o que for necessário para ganhar algum dinheiro para se alimentar. Assim ficaram conhecidos também os seringueiros que saíram dos seringais das terras bolivianas para as cidades do Acre. Alguns deles vieram para o espaço urbano durante a década de 1970, outros nas décadas de 1980 e 1990 e outros vivem se deslocando entre os seringais da Bolívia e a cidade por falta de condições de se fixar na cidade.

Apesar de compreender o uso do termo “biscateiro” nos depoimentos, a conversa informal foi fundamental para entender qual o termo que era utilizado para caracterizá-los enquanto trabalhadores na cidade. Obtive informações através do trabalho de campo e visitei alguns bairros para entender como vivem essas gentes e se reconhecem essa terminologia

Primeiro busquei no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia em 2007 a relação dos possíveis bairros em que poderia encontrar os seringueiros vindos da Bolívia. Pude verificar junto ao atual Presidente do Sindicato, senhor Rosildo Rodrigues de Freitas, que entre os anos de 2002 a 2005 teriam sido assentados na Reserva Extrativista Chico Mendes 35 famílias e que várias outras estariam espalhadas na cidade de Epitaciolândia nos bairros José Hassem, Aeroporto e Satel e na cidade de Brasiléia no bairro Leonardo Barbosa.

Ao pegar os endereços, pude constatar que em alguns casos moram de duas a três famílias em uma mesma casa ou pagam aluguel e que aqueles que não conseguem renda fixa⁷⁵ acabam voltando para a Bolívia. Um dado importante que pôde ser observado naquele momento foi o medo de quem veio para o Brasil de voltar para a Bolívia, pois muitos haviam abandonado a terra que moravam devido às pressões do governo boliviano e não sabiam se ao voltar teriam a terra de volta ou mesmo se alguém já a teria ocupado.

Atualmente, segundo dados coletados no Sindicato de Brasiléia, existem cadastrados 60 famílias que vivem na Bolívia. Esse Cadastro possibilita a inscrição de pessoas que não têm terra para serem assentadas no Brasil e representa a promessa de que o governo está trabalhando para conseguir a terra necessária para essas famílias.

⁷⁵ Renda fixa aqui não está limitada àquela proveniente de empregos concursados, mas de qualquer trabalho que lhe proporcione renda mensal, mesmo temporário.

Apesar da existência de uma lista de famílias de seringueiros que deverão ser assentados, não existe nenhuma perspectiva do INCRA local para o Assentamento dessas pessoas. Há pelo menos nove anos não havia desapropriação naquela região, pois em 2004 foram criados dois Projetos de Assentamentos⁷⁶ para atender aos seringueiros tanto da Bolívia quanto do Brasil. O primeiro PA⁷⁷ foi denominado de Paraguaçu e fica no município de Assis Brasil e o segundo PA é o Fortaleza, criado na cidade de Brasiléia, no entanto, conforme o senhor Guilherme da Silva Bibiano, chefe substituto do INCRA de Brasiléia-AC, o índice de pessoas que foram assentadas e permaneceram lá é mínimo devido, dentre outros fatores, à falta de infra-estrutura para a produção agrícola. Então eles voltam para a Bolívia ou para as áreas mais pobres da cidade para alugar um espaço para passar um tempo enquanto procuram serviço.

Fazendo uma tentativa de compreender, a partir dos depoimentos e histórias de vida, como se apresenta esse sujeito e quais os problemas enfrentados na cidade, selecionei a história do senhor João Dionísio da Silva, seringueiro que atualmente mora na cidade de Rio Branco. Seu Dionísio fala sobre a vida na cidade:

Aí eu fiquei uns tempos em Xapuri , justamente quando minha mulher operou-se. Lá eu tive emprego, ficava na base da diária, era trabalho nas colônias ou nas casas de um, e de outro, fazendo todo tipo de serviço que aparecia, como limpar quintal, bater campo, carregar alguma coisa pouca no porto, essas coisas poucas SILVA (2001)⁷⁸.

Ao sair da Bolívia, o senhor Dionísio desloca-se para Xapuri, passa um tempo lá e desenvolve outras atividades ligadas ao trabalho remunerado através de diárias, depois se percebe que as atividades são diversas, era um seringueiro que

⁷⁶ Já na década de 1970 foram criados os Projetos de Assentamento de Reforma Agrária. Colonos, Trabalhadores Rurais e Camponeses foram os ocupantes do espaço. Posteriormente, o INCRA criou outros Projetos, como os Projetos de Desenvolvimento Sustentável - PDS de 2001 e Projetos de Assentamento Florestal – PAF, de 2003, além dos Projetos de Assentamento Extrativistas - PAE, criados anteriormente. Esses assentamentos foram idealizados para conciliar produção e conservação da natureza e a regularização fundiária. Também há os “Pólos Agro-florestais, criados em 2005, com o objetivo de assentar famílias carentes ou originárias da zona rural, concentradas nas periferias das cidades, que vivam abaixo da linha de pobreza e recuperar áreas alteradas através da implantação de Sistemas Agroflorestais, mantendo a capacidade produtiva do solo, além de contribuir para a diminuição de desmatamentos” (Marina Silva)

⁷⁷ Projeto de Assentamento.

⁷⁸ O entrevista cedida do senhor João Dionísio da Silva foi realizada em Rio Branco no ano de 2001 e faz parte do acervo do CDIH/UFAC.

teve que ser colono, depois limpador de quintal, batedor de campo e até um certo tipo de estivador. Nesse processo de fazer o serviço que aparecesse, o seringueiro incorporou à sua vida pelos menos quatro identidades, pois a cada função exercida há um aprendizado, há um fazer-se, o sujeito é transformado, são acrescentadas outras informações que compõem o seu ser.

Partindo da premissa de que o termo “biscateiro” nesse contexto não aparece explicitamente, mas implicitamente pelo seu significado, entendo que a terminologia faz referência a um trabalhador que possui um conjunto de funções e atribuições necessárias para serem exercidas de acordo com as circunstâncias que se apresentam. Compreendo que nesse processo há uma fragmentação do sujeito de forma dinâmica na busca pela sobrevivência e o lugar das transformações é o mundo do trabalho informal. Porque ser colono é diferente de ser estivador, são atividades que envolvem, no realizar, dois sujeitos diferenciados, em momentos diferentes, mas que no decorrer da prestação do serviço há a incorporação do que foi apreendido nas duas atividades, compondo o conjunto dos saberes que fazem o sujeito ser quem ele é a cada dia.

Analise-se ainda a fala do senhor Clodoaldo Ferreira Jerônimo, que tem 57 anos e vive atualmente na cidade de Brasília no bairro Leonardo Barbosa, segundo ele, não tem emprego e fica fazendo todo o trabalho que aparece, conforme pode se ver na fala abaixo:

Meu nome completo é Clodoaldo Ferreira Jerônimo. É quando eu, quando eu pego umas emenda ai eu pego, fico sem fazer nada agora mermo ele pegou, eu tava lá na colônia ai, ele foi pro pronto atendimento no hospital, agora é assim, quando aparece pra gente ir pra colônia a gente vai, quando num aparece a gente fica esperando que apareça. É muito complicado esse negocio de trabalho porque, quase nunca pega um trabalhozinho pra trabalhar uma semana, as vezes trabalha um dia dois dia e pronto já termina. A diária aqui ta em torno de uns R\$ 15,00 a força da gente pra qualquer tipo de serviço. É muito difícil, e pra quem tem a família né... do jeito que hoje as coisas... Ta mei caro né, ai fica complicado⁷⁹.

A representação que ele faz do seu viver mostra que, além de várias funções incorporadas por esse sujeito, há a consciência de que o tempo é calculado em dias e os dias em dinheiro. Como o valor é garantido pelo dia trabalhado, quanto

⁷⁹ O senhor Clodoaldo Ferreira Jerônimo é seringueiro, morador do bairro Leonardo Barbosa na cidade de Brasília, deixou a colocação que vivia na Bolívia para ir para a cidade em busca de trabalho com medo da expulsão por parte do governo boliviano. Seu depoimento faz parte do acervo do CDIH/UFGA.

mais dias trabalhar maior será a renda, quanto menor o tempo de trabalho menor o ganho. A insegurança permeia as relações que se estabelecem, pois a diária não representa apenas o valor final de quinze reais, mas fundamentalmente pela, como o senhor Clodoaldo diz: “a força da gente pra qualquer tipo de serviço”. Esse é o instrumento de trabalho para ganhar dinheiro, a força física disponível, isto é, quanto mais velho o sujeito ficar, menos tempo pode trabalhar e diminuem as possibilidades de serviço e com isso a de sobrevivência também. A diferença do tempo no seringal é que agora eles estão velhos, cansados e com vários problemas de saúde. Veja o que ele diz:

(...) eu já num tenho mais a força, que eu sô muito encucado com certos tipos de doença, só tem que eu... eu num posso pegar muito Sol mais... tenho problema de pressão, foi eu pegar muito Sol assim, as vezes eu to trabalhando eu sinto muita quentura aí já mi da aquela coisa ruim, tenho que sair pra uma sombra eu não agüento muito Sol. Só faço o que posso fazer.

Nessa fala ele representa um de seus conflitos, sabe que o tempo de parar de trabalhar está chegando com o fim de sua capacidade física. No entanto, por ter 53 anos, ainda não tem idade para se aposentar. Ao ser perguntado sobre a posição do STR de Brasília e de como essa representação sindical tem agido para resolver os problemas de ordem legal para que pudesse se aposentar, ele responde:

fui associado do sindicato muitos anos no tempo que eu morava lá perto pelas colônia. Passei ... ainda hoje eu tenho o papel aí do sindicato... e depois eu, achei que num tava dando certo, aí resolvi saí porque eu... No tempo que o cara disse: “me dá dinheiro preu comprar umas coisa aí”. Eu digo: Ah, então num vô mais paga sindicato não. Porque eu tava só pagando sem ter o direito de nada né? Então é melhor não. Teve umas época aí que o sindicato aqui era forte, mas teve um tempo que o sindicato aqui... tava dando apoio so pra quem... tinha dinheiro, num era pra quem num tinha...

Essa fala é bastante significativa, pois apresenta um sujeito crítico, alguém que tem a consciência do que deveria ser o Sindicato, um órgão que representasse o interesse dos associados que não tinham dinheiro. Ele mostra a percepção de que poderia ser lesado em seus interesses e que para ter algum benefício teria que dar dinheiro, mas por que se ele já pagava as mensalidades em dia? Quer dizer que além das mensalidades ainda teria que dar “algum dinheiro por fora” se quisesse ter seus direitos de sindicalizado garantidos, como pode ser

observado na frase “tava dando apoio só pra quem tinha dinheiro, num era pra quem num tinha”.

Demonstra que, em sua opinião, o órgão político dos seringueiros, que é o Sindicato, não tem credibilidade naquela ocasião, mas no passado tinha. Significa que anteriormente, com outra diretoria, os seus interesses eram representados.

Além de mostrar que esse sujeito não é apático diante da sua realidade enquanto sindicalizado, mostra perceber que as relações de dependência entre os seringueiros e o Sindicato foram estabelecidas de forma unilateral, pois, essa força sindical não luta por seus interesses.

Percebi, ainda, que os sujeitos com os quais tive contato por meio de conversas informais – sem o uso do gravador – não se autodenominavam pela terminologia “biscateiro”, mas têm consciência de que o trabalho informal e inconstante é chamado de “bico”. Disseram trabalhar na diária, mas ao perguntar qual sua profissão respondiam que eram seringueiros.

Essa evidência mostra a transitoriedade das identidades contidas nesses sujeitos. O sujeito é seringueiro, mesmo não cortando seringa, mas também é “biscateiro” porque na cidade está trabalhando de “bico”. Explicitando melhor, os sujeitos aqui mencionados incorporam diversas identidades ligadas ao fazer, ao trabalho. No caso do senhor Clodoaldo ele mencionou ser seringueiro, pois, apesar de não estar naquele momento cortando seringa, ele apreendeu os saberes ligados à vida nos seringais, e sempre que for necessário e possível, pode voltar a exercer a atividade de extração do látex. Em suma, ele é seringueiro e também biscateiro.

A partir do documentário “A verdade em Deus”, foi possível dialogar com as trajetórias e as narrativas de trabalhadores da “faixa de fronteira”, entre a cidade e a floresta e a floresta e a cidade. Um exemplo disso é a reflexão de João Dionísio da Silva, que, com gestos, falas, olhares, afazeres, memória e caminhada, apresenta um conjunto de representações de sua trajetória de vida e as leituras que faz de si mesmo.

João Dionísio da Silva nasceu no seringal Santa Fé, em Xapuri – Acre, e é um dos 10 filhos do piauiense José Dionísio da Silva e da acreana Cecília Maria da Silva. Seu pai foi um dos inúmeros nordestinos que vieram para o Acre durante a 2ª Guerra Mundial para trabalhar nos seringais e assim conseguiu se aposentar como um soldado da borracha. Depois morreu com uma forte febre não identificada

na época, sua esposa ficou viúva e teve que se deslocar para outros seringais a fim de trabalhar para sustentar os filhos.

Nesse início de trajetória já se pode perceber que o processo de deslocamento inicia-se na vida dele enquanto é ainda criança, tendo como referencial de trabalho o corte da seringa, já que seu pai e sua mãe eram seringueiros. Ao buscar na sua memória discursiva o início de sua vida, esse sujeito busca na morte do pai a explicação para o rumo dos acontecimentos que o levam para viver dentro dos seringais.

Quando criança, João Dionísio precisou trabalhar como diarista “batendo campo” enquanto os outros três irmãos mais velhos ficaram no Seringal Santa Fé cortando, roçado e, posteriormente, cortando seringa. Após ficar alguns anos deslocando-se entre os seringais bolivianos, em busca de sobrevivência e em condições de precariedade, voltou para um seringal no Brasil, onde passou algum tempo até chegar o dia que precisou procurar trabalho noutro seringal.

O fato de desde criança precisar trabalhar para ajudar no sustento familiar fez com que esse sujeito precisasse ficar em constantes idas e vindas entre os seringais e a cidade, logo cortava seringa e prestava serviço recebendo na diária. O processo de fragmentação e incorporação de outras identidades não se dá na maioria, mas ainda na infância, e as relações familiares e sociais se estabelecessem. Há um distanciamento dele e dos irmãos causado pela necessidade de conseguir trabalho e as relações de trabalho não se limitavam ao corte da seringa e à coleta da castanha, mas eram expandidas a cada função que ele exercesse ao trabalhar de diarista durante sua vida

Em 1974, João Dionísio casou-se e dos onze filhos que teve com sua esposa, cinco morreram, quatro deles em condições não mencionadas e no caso de apenas um em sua fala é marcante o lugar onde morreu, no seringal El Cedro na Bolívia. Lugar onde passou a trabalhar na década de 1970, por ter sofrido o mesmo processo de expropriação que centenas de seringueiros passaram: “Aí lá do Porto Rico nós saímos para a Bolívia. Fui trabalhar na Bolívia e fiquei um tempinho porque na Bolívia a gente não tinha terra própria, porque era dos patrões”.

Veja que ele nos mostra que o fator impulsionador, o motivo que o levou a sair do Brasil para trabalhar nos seringais bolivianos foi a busca pela terra e não foi diferente na Bolívia. Voltou para o Brasil porque também lá não possuiu terra, pois já tinha dono, “os patrões”.

Enquanto no Brasil o processo de conflito entre fazendeiros e seringueiros intensificava-se na década de 1970, em vários seringais na Bolívia ainda existia a figura do patrão, aquele que tinha o poder de liberar ou não o seringueiro de suas funções. Mas logo depois, entre as décadas de 1980 e 1990, a figura do patrão também desaparece na Bolívia. Sobre esse período Dioniso refere-se como [...] uma época que os seringueiros tiveram a felicidade de ser liberado, ele podia vender o produto pra quem quisesse [...] como se diz: o monopólio quebrado”.

Novamente pela necessidade de dar sustento à mulher e aos filhos, João Dionísio deslocou-se do Brasil para a Bolívia em busca de trabalhar como seringueiro num seringal chamado “Capinzal”, onde, segundo ele, devido à intolerância do patrão, passou a ficar indo e voltando entre os seringais em terras bolivianas.

O processo de seu deslocamento acontecia também por vários outros fatores. Dentre eles destacam-se: necessidade de adquirir condições de se reproduzir; desentendimento com patrões; pela falta de condições de comprar as mercadorias no barracão, pois eram supervalorizadas; impedimento de plantação do roçado; falta de estoque no barracão; perseguição e doenças.

Depois de ter vivido parte significativa de sua vida nos seringais do Acre, em especial nas localidades de Brasiléia e Epitaciolândia, Dionísio precisou ir para a Bolívia. Esse deslocamento foi possível por existirem seringais funcionando do outro lado da fronteira, na Bolívia. Além disso, o fato de os seringais serem administrados por patrões brasileiros e pela existência de familiares foi determinante.

Sua trajetória não se encerraria na Bolívia, pois o processo de expropriação nas décadas seguintes foi inevitável. A frente madeireira foi a responsável pela concessão de terras junto ao governo boliviano. Dessa forma a situação de permanência na Bolívia tornou-se ainda mais difícil, provocando um “novo” movimento migratório. Dessa vez em “retorno” para o Brasil, mas especificamente para as cidades do Acre.

É evidente que esse sujeito não teve durante sua vida um lugar fixo, mas moradias temporárias e a saída de um lugar para o outro, na maioria das vezes, foi a impossibilidade de se continuar trabalhando onde estava. Primeiro, pela morte do pai, depois porque precisava ajudar no sustento da mãe e irmãos, ao constituir família, passou a ser responsável pelos filhos e a esposa, sempre se deslocando

num movimento constante, mostrando através de sua trajetória as continuidades e descontinuidades de tempos vividos em busca de trabalho e sobrevivência.

Há a meu ver um deslocamento constante, no vídeo gravado dá-se destaque para o seu caminhar, seus pés aparecem calçados em sandálias, com as pernas da calça “arregaçadas”, ele está sempre caminhando na estrada de barro, na rua, nos varadouros, de um lugar para outro sempre entre a fronteira do Brasil com a Bolívia, nos bairros da cidade.

A necessidade de levar a esposa para que seja feita uma cirurgia cesariana acelerara o seu deslocamento da floresta boliviana para a cidade de Rio Branco. A partir daí, não voltou mais para os seringais do Brasil e nem da Bolívia. Mora atualmente em Rio Branco e sobrevive realizando eventuais prestações de serviços pagos no valor da diária relacionada à função que estará exercendo.

Desde que foi para a cidade, João Dionísio trabalha fazendo “bico”, já tendo exercido várias funções como o de limpador de quintais, batedor de campo, carregador de mercadorias nos portos do rio Acre, brocador de roçado e derrubador. Constituiu-se, dessa forma, num dos inúmeros trabalhadores que sobrevivem fazendo “bicos”.

Quantas funções diferentes esse sujeito incorporou durante sua vida, a cada trabalho realizado, na incorporação de novos saberes, nas relações sociais que se estabelecem a cada movimento de aprendizado, esse homem torna-se fragmentado, dono de muitas identidades.

Vejamos como João Dionísio representa nessa fala abaixo a vida como um trabalhador que faz “bico” para viver na cidade:

[...] voltei para fazer biscates, fiquei trabalhando assim: um dia fazia um serviço para um canto, outro dia para outro. [...] trabalhava na diária quando achava serviço. Semana eu ficava parado, semana eu trabalhava, porque era difícil na época, também ter serviço. As vezes a gente tirava uma facilidade porque fazia um serviço que dava para tirar a diferença. Pegava um quintal para limpar, fazia um banheiro, pegava coisas assim, ia pegando o que dava e podia fazer. Era esse meu serviço, trabalhava de servente de pedreiro e algum serviço que ia aparecendo (SILVA, 2001).

É possível perceber nessa fala que esse sujeito incorpora a linguagem popular para se referir ao tipo de serviço que ele exercer momentaneamente a partir das circunstâncias que se estabelecem. Ao utilizar a palavra biscates para caracterizar o caráter temporário das funções exercidas na cidade, incorpora a

identidade de biscateiro, ou seja, na cidade ele não utiliza a identidade de seringueiro, ele é seringueiro, mas *está sendo* “biscateiro”.

Acrescentando-se à insegurança do trabalho a necessidade de enfrentar a falta de moradia permanente. Ele e sua família moraram por vários meses em casa de aluguel em alguns dos bairros que estavam se formando na cidade de Rio Branco. Atualmente o senhor João Dionísio mora na cidade de Rio Branco e exerce a função de picolezeiro, conforme sua fala:

Serviço de homem é trabalhar em roçado, cortar seringa, trabalhar em roçado, cortar seringa, trabalhar na construção.... isso é serviço[...] Digamos, você já pode fazer um plantio ou fazer uma criação, você vê crescer e pode comer e vender, isso é trabalhar e para isso é preciso ter um canto, ter sua propriedade e produzir⁸⁰.

Outro dado importante que surge na fala desse sujeito é que a noção de trabalho é modificada conforme a necessidade de sobrevivência. Ele mostra que existe um conflito interno, pois os trabalhos exercidos na cidade não vinculam o homem com a natureza. O movimento de plantar e ver crescer e depois colher, de criar animais, vê-los crescer e depois comer, que fazia parte de sua vida, foi trocado por um movimento inconstante, pois o fazer na cidade não está vinculado a um pedaço de terra, não depende dela para acontecer e o homem é apenas um prestador de serviço que não gera vínculos enraizados, mas momentâneos. Veja-se o que ele diz a seguir:

Rapaz, durante toda a minha vida foi tudo difícil, porque na mata tudo se torna difícil e a gente vive na cidade porque não tem outra saída. Nós estamos sempre no meio do perigo. Porque a gente vive trabalhando, aonde no trabalho a gente você está sujeito a um acidente de carro ou vai que nos assaltam! As pessoas não respeitam o picolezeiro, só as crianças.

O trabalho como picolezeiro lhe proporciona pequenos rendimentos. Precisa, além de vender picolés, arrumar o carrinho antes, empurrar de bairro em bairro, atravessar ruas movimentadas, tanto no centro quanto em outros lugares da cidade. Apesar da venda de picolé ser o trabalho que lhe rende algum dinheiro para sobreviver na cidade, em sua fala o senhor Dionísio dá a entender que o faz porque não tem outra saída. Esse conflito vivenciado por ele mostra, que pelo fato de ter

⁸⁰ Idem, ibidem.

passado toda a vida em dificuldades, recomeçar sua vida na cidade é mais uma etapa a ser vencida.

Quando perguntado sobre o motivo de continuar na cidade e não voltar para o seringal, ele diz o seguinte:

[...] meu motivo de estar aqui em Rio Branco, foi pelo conhecimento do Daime. Vim pela primeira vez, chegando aqui me convidaram na colônia localizada no Barro Vermelho. Cheguei lá, pela realidade que vi e tornei-me um seguidor de lá, da doutrina. Como eu achei que deveria encontrar a verdade em Deus eu vim pra Rio Branco morar aqui, então por esse motivo continuo trabalhando aqui e seguindo a irmandade.

Essa fala mostra outro aspecto da vida do senhor Dionísio, o religioso. Além das causas materiais, o senhor Dionísio também foi para a cidade em busca de realizar um de seus sonhos. Esse sonhar aqui está relacionado ao desejo de conhecer a “verdade”, a “verdade em Deus” por meio do Daime. Um desejo veemente o impulsionou a submeter-se a um trabalho de que não gosta de realizar para poder continuar vivendo, sentindo, tendo esperança no amanhã. Sair um pouco da realidade material para buscar no imaginário espiritual um bálsamo para as suas dores mostra que o sujeito aqui não é só o trabalhador; mas, também, alguém que procura na crença explicações para entender sua sorte.

Planejar e idealizar sonhos que estejam ligados às suas necessidades, mostram o desejo de realizar o ainda não realizado e, na busca do sonho, suas tradições e crenças estão presentes. Anseios particulares e coletivos de materializar na vida presente o que se quer ser. Esse sujeito além de desejar, busca concretização de seu desejo, por isso se submete à vivência na cidade. Um lugar no qual a realidade mostra que as pessoas são cheias de medos e que dentre eles sobressai o “medo de ficar para trás” (BAUMAN, 2000).

Partindo da história de vida do senhor João Dionísio, pude perceber que ele ainda espera um dia possuir o tão sonhado pedaço de terra para construir um novo presente e que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas na cidade, ela agora é o lugar das possíveis realizações de um emprego fixo, uma aposentadoria, educação e saúde.

Apesar de não conseguir estabelecer uma fronteira que delimite onde termina o campo e onde começa a cidade e vice-versa, as mudanças ocorridas a partir do deslocamento de um lugar para o outro são latentes e impactantes. Ao sair

de onde se está acostumado a viver, dentro de padrões de comportamento que não o inferiorizam, e chegar a um lugar onde seus saberes nada valem, significa “começar novamente”. E nesse começo constante há a incorporação de várias identidades, há várias formas de identificação, na cidade, nos últimos anos, ele não é mais conhecido como seringueiro, ele é identificado como picolezeiro, pois o *fazer* é o referencial do *ser*.

Isso não significa dizer que mesmo trabalhando como um vendedor de picolés ele negue o que apreendeu na floresta. Isso significa que mesmo não exercendo a atividade do extrativismo, trouxe consigo a identidade de seringueiro, adquirido no viver na floresta, seu jeito de falar, vestir, pensar o mundo em que vive foi constituído a partir do seu cotidiano na floresta. É também batedor de quintal se for preciso, assistente de pedreiro e diarista de modo geral.

Esses homens e mulheres são sujeitos que trazem consigo as marcas de vários tempos vividos e de um mundo que vem passando por modificações profundas, que provocaram um processo de fragmentação desses sujeitos. A incorporação de diversas identidades plurais e heterogêneas como de picolezeiro, batedor de quintal, diarista, servente, pedreiro e outras, acontece nos conflitos por eles vivenciados na busca da sobrevivência.

Nesse processo os seringueiros sofrem as conseqüências de uma globalização excludente, que transformou as relações econômicas e sociais em momentâneas, superficiais e cheias de insegurança. Entretanto isso não impede que esses sujeitos forjem formas de sobreviver, de se organizar e continuar vivendo na floresta e na cidade. E nesse processo de luta pela sobrevivência, enchem de pluralidade e de novos significados o ser seringueiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas últimas palavras estarão voltadas muito mais para o aprendizado que obtive com o processo de desenvolvimento desse trabalho do que com o que esperava em seu início. Meu primeiro objetivo era compreender, a partir do estudo de trajetórias, como se coloca a questão das identidades do grupo de “brasivianos”, ex-seringueiros em seu deslocamento para as cidades do Acre e sua transformação em “biscateiros”. A partir desse objetivo desenvolvi a escrita dessa dissertação.

Em nenhum momento pensei em mudar o foco, mas no decorrer da pesquisa, das leituras, das discussões em sala de aula, das análises e tentativas de diálogos com as entrevistas com a análise das fontes, comecei a perceber que já tinha todas as respostas para as minhas dúvidas; precisava apenas confirmar tudo. Demorou um tempo até que percebesse que não sabia nada sobre esses sujeitos e que isso estava prejudicando o meu diálogo com as fontes.

Ao tentar compreender a origem de “brasivianos”, já havia incorporado em minha memória discursiva a terminologia como adequada para classificar os homens e mulheres seringueiros que vivem ou viveram na Bolívia. Afinal, tinham dois títulos eleitorais, alguns até duas cédulas de identidade, tinham nascido em terras bolivianas, mas, principalmente, o termo soava bem aos meus ouvidos. Quem ouvia o título do meu trabalho tinha curiosidade em saber quem são essas pessoas e o porquê do termo “brasivianos”.

Com a leitura que fiz de Zigmunt Bauman, Stuart Hall e outros, percebi que deveria começar um processo doloroso de negação dos meus pré-conceitos, dos conhecimentos que manipulavam o meu olhar tão limitado. Essas leituras, - reproduzindo a fala do meu orientador - “abalaram minhas certezas”. Começaria por perceber que a História não explica tudo, que a teoria não responde, mas inspira, que a metodologia ajuda, mas não resolve todas as questões que se apresentam no decorrer do estudo da vida de pessoas, sujeitos plurais, heterogêneos e, por isso, profundamente subjetivos.

Mesmo assim, passei a escrever sobre esses homens e mulheres e percebi que não conseguiria dar conta de dizer quem eles são realmente, mas poderia escrever, tendo a consciência de que o meu olhar sobre eles é limitado, subjetivo e determinado historicamente.

A partir dessa conscientização, busquei mostrar quem são esses sujeitos, partindo da minha visão de mundo, influenciada por referenciais teóricos e pelo exercício de interpretação das suas falas. Percebi que chamá-los de “brasivianos” não dizia nada sobre quem eles são, mas que a utilização do termo é produzida por um discurso externo a eles e se materializa na linguagem acadêmica. Essa linguagem não é a do seu cotidiano, pois não se denominam como tais, mas especialmente como seringueiros.

Quando entendi que em suas falas a principal referência do que eles são é o que fizeram ou fazem, associei identidade à função. Demorei a compreender que a cada função exercida esses sujeitos incorporavam saberes e que o conjunto do que eles sabem é que forma a imagem do que eles são, pois o sujeito constitui-se nas várias formas de fazer, realizar e praticar o apreendido .

O termo seringueiro, a princípio, no meu entender, significava apenas alguém que corta seringa, um afazer, uma função e não um modo de ser, viver, falar, de se comportar e de ver o mundo. Por isso, não adotei o termo ex-seringueiro, pois em meu entendimento não existe o sujeito ex-seringueiro, pois, mesmo que muitos houvessem deixado de viver do corte da seringa, viam o mundo com o olhar de quem é seringueiro. Dessa forma, o seringueiro é também coletor de castanha, batedor de mato, peão de derrubada, picolezeiro, diarista, entre outros.

A partir das leituras, reflexões metodológicas e diálogos com as fontes e sujeitos de minha pesquisa, cheguei à conclusão de que não havia entrado no cotidiano deles, nem mesmo quando os visitei, na época em que estive na Bolívia. Entendi que entrar no cotidiano era participar de sua rotina diária, de suas conversas, da interação deles com a natureza. Deveria interagir, mas minha participação durante os dias em que estive lá foi como ouvinte.

Outro fator de dificuldade na análise das entrevistas foi a falta de observação e vivência, a falta de um olhar mais aguçado dirigido por uma experiência de vida e não apenas por uma noção teórica, que não dizia nada sobre aqueles sujeitos. O saber dos livros é muito diferente do saber adquirido na prática, na vivência.

Entendi que o meu trabalho é importante por ser uma tentativa de “desconstruir” o conceito de identidade que foi posto, de mostrar que o termo que estava sendo utilizado não dá conta de expressar as dimensões de seu viver. Apesar de tentar, descobri que não conseguiria, nesse trabalho, dar conta de dizer

quem eles são em sua pluralidade e diversidade. Não tive uma experiência de vida com eles e observei não ser possível reconstruir tantas experiências, vividas em tempos diversificados, em um trabalho como esse.

Entretanto, aprendi que não devo reproduzir um discurso que engesse esses sujeitos como “brasivianos” ou “biscateiros”. Compreendi que eles se transformam a cada dia, a cada incorporação de novas identidades, que estão sempre em um movimento histórico de transformação e que tanto o termo “brasiviano” quanto “biscateiro” são palavras que trazem significado de solidez de identidade, dessa maneira, não define esses sujeitos, pois não têm uma identidade, mas várias ao mesmo tempo.

Sobre os antigos conceitos, pude entender que fronteira não é apenas uma linha divisória que separa dois territórios “recortados” politicamente, mas que é também um território simbólico, um lugar de encontro entre vários sujeitos diferenciados, local de vários saberes, espaço de pluralidade.

Pude perceber através das falas e depoimentos que na prática esses sujeitos não exercem cidadania. A palavra cidadão representa um indivíduo que exerce cidadania, que tem seus direitos garantidos pela sociedade e pelo Estado. O processo de aprendizado também possibilitou ver que os discursos são inventados e produzidos a partir de interesses econômicos, políticos, sociais, culturais, religiosos e que se constituem como produtores de “verdades”, “poderes”, “identidade”. São um forte instrumento de manipulação das mentes.

Percebi que pátria e nação são palavras que foram constituídas historicamente com o objetivo de se criar um sentimento de pertencimento. No entanto, por meio das falas dos sujeitos, pude perceber que elas só existem enquanto idéia formulada a partir da memória discursiva, mas que na prática não fazem parte da vida dessas pessoas. A pátria e a nação é o chão, é a terra que não têm e que estão sempre visualizando no futuro; é a cidade, a floresta, o lugar das suas realizações, de seus sonhos e desilusões.

Observei que esses sujeitos são contraditórios, que dizem ser brasileiros, mas não querem ser expulsos da Bolívia; que utilizam diversas formas de resistência para sobreviver; que forjam estratégias para lidar com a insegurança vivida na fronteira Brasil/Bolívia.

No constante diálogo entre teoria e as fontes, conclui que esses homens e mulheres estão deslocados e que a promessa de uma vida melhor por parte dos

governos é apenas um discurso. Brasil e Bolívia estão preocupados com uma integração que proporciona a desintegração dos modos de vida dessas pessoas que vivem na fronteira.

Compreendi, por fim, que o caminho do pesquisador se inicia com a inquietação que vem de dentro da alma e que todo olhar parte de um ponto de vista. Aprendi mais com as falas dos outros, com os olhares dos outros, com os gestos dos outros, sobre as dificuldades de se escrever sobre eles e das limitações do olhar de quem está do “lado de fora” do que mostrar de fato quem são essas pessoas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, G. R. **Natureza, cultura, poder e violência no Vale do Juruá – Acre**. In: Projeto História, n.º 23. São Paulo: EDUC, s/d.
- _____. **Trabalhadores do Muru**, o rio das cigarras. Rio Branco: EDUFAC, 2005, 177p.
- ALMEIDA, Alfredo W. **Universalização e localismo**: movimentos sociais e crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia. Revista da ABRA (Campinas), 19 (1), 1989.
- ALMEIDA NETO, Domingos José de. **Aos Trancos e Barrancos – Identidade, Cultura e Resistência Seringueira na Periferia de Rio Branco-Ac (1970-1980)**, Ed. EDUFAC, 2004.
- BATISTA, Frankcinato da Silva et. al. **Seringueiro – memória, história e identidade**. Rio Branco: UFAC/CDIH, 1997. 3v.
- BEZERRA, Maria José et. al. (Coord.). **Cidade de Rio Branco – a marca de um tempo: história, povo e cultura**. Rio Branco: Globo, 1993. 89p.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi; tradução, Carlos Alberto Medeiros, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. **Globalização: As conseqüências Humanas**. Tradução, Marcus Penchel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- _____. **Modernidade Líquida**. Tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. Reis & Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4. Ed. 1. reimp. – São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. V. 2.
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 179p.

_____. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 5ª Ed, 2004.

ESTEVES, Benedita. **DO “MANSO” AO “GUARDIÃO DA FLORESTA”:** estudo do processo de transformação social do sistema seringal, a partir do caso da Reserva Extrativista Chico Mendes. Rio de Janeiro. CPDA/UFRRJ, tese de doutorado, 1999.

LARROSA, Jorge. **¿Pra qué nos sirven los extranjeros?** – in: Educação e Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação/ Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) nº 79 – 2002.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas;** tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto de Lea Porto de Abreu Novaes... et a. J. – Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

_____. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 1999.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Bares, Manãos e Tarumãs.** In: História e Novos Cenários, Amazônia em Cadernos, v. 2 nºs 2/3 - Universidade do Amazonas, 1993/1994.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro** – Modernidade e dupla consciência; tradução Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade;** Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. – Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade;** tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Tradução Adelaine La Guardiã Resende... [et al], Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades Territoriais.** In: Manifestações da Cultura no Espaço, Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 1999

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel:** políticas e poéticas da diferença; tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória;** tradução Bernardo Leitão... [et al.] – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MAIA, José Sávio da Costa. **Seringueiros Brasileiros e suas Travessias para a Bolívia:** a formação de novos modos de vida num espaço de litígios (1970-1995). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.

- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Os (Des)caminhos da identidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15, nº. 42, fev. 2000.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. et al. **Discurso Fundador: A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional**. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2003.
- PAULA, Elder Andrade de. **Desenvolvimento Insustentável na Amazônia Ocidental**. Ed. EDUFAC, 2005.
- ROCHA, Airton Chaves da. **A Reinvenção e Representação do Seringueiro na Cidade de Rio Branco – Acre (1971-1996)**. Tese de doutorado, PUC – SP, 2006
- SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**; tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **Fora do lugar: memórias**; tradução José Geraldo Couto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. **Reflexões Sobre o Exílio e outros Ensaios**. Tradução Pedro Maia Soares – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **“Varadouros da Liberdade”**: empates no modo de vida dos seringueiros de brasiléia-acre. Tese de doutorado, PUC-SP, 1996.
- SOUZA, João Carlos de. **Cultura e Valores**: representações dos ocupantes de terra na zona leste de São Paulo. **Dissertação** (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.
- SPRANDEL, Maria Anita (1995). **Os movimentos de repatriamento. Travessia**: revistado imigrante, São Paulo : CEM, v.8, n.22, p.15-22, maio/ago.
- VALIM, Ana. **Migrações**: da perda da terra à exclusão social. São Paulo: Atual. 1996.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. **As Tias Baianas Tomam Conta do Pedaco**: Espaço e identidade Cultural no Rio de Janeiro. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 3 n. 6.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1989.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Tradução de Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FONTES

TABOADA, Sérgio. **RELATÓRIO DA COMISSÃO ESPECIAL DA ALEAC**. Resolução nº. 252/92, 1992.

Medida Provisória nº. 354, de 22 de janeiro de 2007, publicada no Diário Oficial da união de 23 de janeiro de 2007.

JORNAL DE BRASÍLIA: 31 de março de 1990.

JORNAL DO BRASIL: 11 e 12 de junho de 1990.

JORNAL DO BRASIL: 01 de julho de 1991.

JORNAL O GLOBO: 16 de novembro de 1992.

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO: 11 de março de 2007-03-18

DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL: La rota del pacífico: culturas de fronteira, dirigido e produzido por Emilson Ferreira.

DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL: “A Verdade em Deus” - produzido pela Universidade Federal do Acre e CNPq em parceria com a Fundação Elias Mansour e dirigido pela professora Dra. Benedita Maria Gomes Esteves do Departamento de História da Universidade Federal do Acre.

DEPOIMENTOS ORAIS

SILVA, João Dionísio da: depoimento [agosto de 2001]; Entrevistadora: Benedita Maria Gomes Esteves, Rio Branco, 2001.

Rosildo: depoimento [22 de out. 2000] . Entrevistadora: Benedita Maria Gomes Esteves. Brasília, 2000.

SILVA. José Nascimento da: depoimento [22 de out. de 2000]. Entrevistadora: Bendita Maria Gomes Esteves. Brasília, 2000.

ARAÚJO. Antônio Nunes de: depoimento [22 de out. de 2000]. Entrevistadora: Benedita Maria Gomes Esteves. Brasília, 2000.

SITES:

<http://www.estado.com.br/editoriais/2006>

<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna>

<http://www.skyscrapercity.com/>

<http://www.mre.gov.br/>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)